

Indústria & Competitividade

Nº 38 • Outubro • 2025



As onças brasileiras E O RUGIDO CATARINENSE

SC é destaque entre os estados que crescem acima da média nacional e atraem capital global. Desafio agora é tornar sustentável a continuidade do crescimento

NOVA GESTÃO

Com foco nas pessoas, FIESC potencializa talentos para desenvolver indústria

DEFESA NA MIRA

Indústria encontra oportunidades de negócios com demandas das Forças Armadas

EMPRESAS FAMILIARES

Como lidar com conflito entre tradição e inovação nos processos sucessórios



SANTA CATARINA CRESCE COM A NOSSA ENERGIA

Há 70 anos, levamos energia a todo o estado, impulsionando nossa economia e a qualidade de vida com a histórica ampliação de rede trifásica no campo, o atendimento emergencial mais ágil do país e uma rede de recarga para veículos elétricos e híbridos que atende todas as regiões.

Temos orgulho de fazer parte da história de Santa Catarina e da vida de cada pessoa que constrói este lugar. Esta comemoração também é sua.

Celesc 70 anos – Juntos, iluminamos o futuro!

f i y x d celesc.com.br



GOVERNO DE
**SANTA
CATARINA**

CARTA AO LEITOR

Reunião da FIESC com Fórum
Parlamentar Catarinense: endereçando
as demandas da indústria

FILIPPE SCOTTI



INDÚSTRIA CATARINENSE: resultados sólidos e novos desafios

O ciclo que se inicia na FIESC com o mandato do presidente Gilberto Seleme, eleito para o período 2025-2028, é repleto de desafios, mas ao mesmo tempo já nasce marcado por importantes conquistas. Seleme é dirigente da FIESC há décadas, tendo ocupado o cargo de primeiro vice-presidente nos últimos sete anos. Nesse período Santa Catarina deu um salto. A economia cresceu acima da média, muita gente foi atraída pelas oportunidades e o Estado se consolidou como um dos mais competitivos do País.

É inegável o papel da indústria nesses resultados – o setor em Santa Catarina é o mais avançado no Brasil, de acordo com o Índice de Competitividade Industrial (ICI). A FIESC é central para o sucesso ao atuar na formação de profissionais, no desenvolvimento de inovações e em parcerias junto ao setor público, somente para citar algumas áreas de atuação. A reportagem de capa desta edição sintetiza e dá sentido a todo esse movimento, apresentando Santa Catarina como uma das “Onças Brasileiras”, as economias regionais que têm puxado o PIB nacional.

As conquistas, porém, não são perenes, e daí emergem os desafios que se impõem diante do novo ciclo da FIESC. Alguns são conhecidos, como as limitações da infraestrutura logística, outros são fruto de novos cenários, como o embaralhamento geopolítico e o tarifaço imposto pelos EUA. Na entrevista da edição, o presidente Gilberto Seleme destaca como a FIESC está articulada para enfrentar essas questões e outras tantas das quais depende a competitividade da indústria.

Algumas questões são abordadas em reportagens, como a sucessão em empresas familiares, essencial para a perenidade e a renovação da indústria, e a manutenção de jovens no campo, fundamental para a agroindústria. A necessidade de se formar engenheiros com mais qualidade e em maior quantidade também é destacada. Outras matérias apontam grandes oportunidades: a criação de um polo tecnológico voltado ao setor de óleo e gás em Santa Catarina e a crescente demanda das Forças Armadas por produtos da indústria.

Em todos esses temas a FIESC tem participação, seja articulando, assessorando, mobilizando ou oferecendo soluções diretamente, demonstrando sua relevância diante dos desafios e das oportunidades que se apresentam para a indústria e para Santa Catarina. Assim tem sido, e assim será nos próximos anos.

Presidente
Gilberto Seleme

1º Vice-Presidente
André Armin Odebrecht

Diretor 1º Secretário
Edvaldo Ângelo

Diretor 2º Secretário
Nivaldo Pinheiro

Diretor 1º Tesoureiro
Marco Aurélio Alberton

Diretor 2º Tesoureiro
Evair Oenning

Diretoria executiva
Alfredo Piotrovski
Carlos José Kurtz
Daniel Tenconi
Fabrizio Machado Pereira
José Eduardo Fiates

Indústria & Competitividade

Direção de conteúdo
e edição
Vladimir Brandão

Jornalista responsável
Elmar Meurer (984 JP)

Edição de arte
Luciana Carranca

Produção executiva
Maria Paula Garcia

Revisão
Lu Coelho

Distribuição
Filipe Scotti

Colaboradores da edição
Leo Laps, Maurício Oliveira
e Paulo Borges

Apoio editorial
Dami Radin, Elida Ruivo,
Filipe Scotti, Jaison Henicka
e Matheus Garcia de Jesus

Capa
Luciana Carranca
Comercialização
VBC Conteúdo

imprensa@fiesc.com.br
(48) 3231 4670
www.fiesc.com.br



www.vbcconteudo.com.br

SUMÁRIO

6 ENTREVISTA

O presidente da FIESC, Gilberto Seleme, afirma que sua gestão tem como foco a valorização das pessoas por meio da educação, saúde, inovação e qualidade de vida, além do associativismo. O objetivo é transformar vidas e elevar a competitividade da indústria



10

DESENVOLVIMENTO

Santa Catarina se consolida como destaque entre as "Onças Brasileiras", os estados que puxam o crescimento do PIB. O dinamismo atrai investidores e projeta o Estado como modelo de prosperidade, mas para que o processo seja sustentável é preciso planejar o futuro com equilíbrio regional, inovação, infraestrutura e capital humano

30 MERCADO

Com tensões globais e incentivos da política industrial o setor de Defesa ganha relevância na economia e aumenta a demanda por soluções da indústria. Em Santa Catarina, o CONDEFESA, da FIESC, conecta empresas às Forças Armadas, gerando novos negócios e inovações para o setor



INOVAÇÃO

Santa Catarina se torna referência global em soluções para o setor de óleo e gás graças à parceria entre o SENAI/SC e a Petrobras na criação de centros tecnológicos para desenvolver equipamentos até então importados e robôs de aplicações inéditas

37

42 GESTÃO

Empresas familiares catarinenses enfrentam o desafio de equilibrar tradição e inovação em processos sucessórios. Casos como os da Metalúrgica Fey, Urbano e Duas Rodas mostram como governança e planejamento permitem continuidade com transformação



50 EDUCAÇÃO

O Brasil forma poucos engenheiros e muitos chegam sem preparo para a realidade da indústria. Um grupo de renomados profissionais catarinenses ligados à Academia Nacional de Engenharia busca reverter o quadro com o apoio de instituições como o Unisenai

62 PERFIL

A farmacêutica Betina Zanetti Ramos transformou sua tese em negócio e fundou a Nanovetores, referência em nanotecnologia para cosméticos. A empresa exporta para 150 países e alia inovação científica a práticas de bem-estar e humanização

AGROINDÚSTRIA

54

Empresas precisam de parcerias com produtores rurais para o sistema de integração, e um dos desafios é a manutenção dos jovens no campo. Para tornar os negócios sustentáveis e atrativos para as novas gerações, elas auxiliam os produtores com tecnologia, incentivos e gestão



A força da indústria está nas pessoas



FELIPE SCOTTI

Gilberto Seleme é empresário de Caçador com atuação nos setores de madeira, couro, construção civil e agronegócio. Formado em engenharia civil e administração, construiu uma sólida trajetória no associativismo, criando e integrando diferentes entidades empresariais e sociais. Presidente da FIESC para o triênio 2025-2028, Seleme afirma que sua gestão terá como foco a valorização das pessoas. Para ele, promover o associativismo e investir em educação, saúde, inovação e qualidade de vida não significa apenas fortalecer a competitividade da indústria, mas transformar vidas e construir um futuro mais próspero para Santa Catarina.

Santa Catarina cresce acima da média nacional há décadas, em grande parte graças ao desempenho da indústria. Como a FIESC atua para garantir a continuidade do crescimento?

Mais do que uma entidade de representação setorial, a FIESC é uma das bases estratégicas de Santa Catarina. Desde a fundação, em 1950, exerce influência nos rumos do desenvolvimento do Estado e agora não será diferente, diante das transformações por que passa o mundo. As pessoas precisam ser preparadas para o mercado e ter boa saúde, as empresas precisam de tecnologia, inovação e um ambiente de negócios favorável, o Estado necessita de infraestrutura e planejamento. Não são demandas novas, mas estão em constante atualização por conta das transições globais – tecnológicas, climáticas, geopolíticas. A missão é alinhar nossos serviços às atuais demandas da indústria, valorizando o que Santa Catarina tem como grande diferencial, que é o espírito empreendedor do nosso povo. Somos comprometidos com as pessoas que fazem dessa terra um celeiro de oportunidades.

O senhor tem afirmado que as pessoas estão no centro das preocupações da FIESC. Como isso se dá na prática?

A sociedade é formada pelas pessoas, a indústria não existe sem as pessoas. São os trabalhadores que transformam ideias em resultados e são os empresários que assumem riscos para gerar oportunidades. Na

FIESC, que também é formada por pessoas, quero que cada ação tenha esse olhar humano. Cada jovem que encontra no SENAI uma porta de entrada para a tecnologia e o mercado de trabalho, cada trabalhador que tem mais saúde e qualidade de vida graças ao SESI, cada empresário que inova e gera empregos – todos são parte de uma mesma engrenagem que move Santa Catarina. Nossa missão é potencializar o talento humano, porque onde há pessoas valorizadas, há prosperidade, há transformação e há futuro.

Como garantir que a indústria tenha acesso aos trabalhadores qualificados que precisa, hoje e nos próximos anos?

A educação é um eixo estratégico da FIESC porque o futuro da indústria depende, de forma direta, da qualificação de pessoas. Santa Catarina terá de formar aproximadamente 953 mil trabalhadores em três anos para atender à demanda do setor, o que exige ação estruturada e permanente. Por isso, investimos em toda a jornada educacional: desde a educação básica, com o SESI, até a formação técnica e superior com o SENAI, o Unisenai e a Academia

“Nossa missão é potencializar o talento humano, porque onde há pessoas valorizadas, há prosperidade, há transformação e há futuro”

“O associativismo é, em essência, o que garante que a indústria catarinense fale com uma só voz e continue transformando desafios em oportunidades”

FIESC de Negócios, em sintonia com as necessidades da indústria. Formar pessoas é cuidar da competitividade e, ao mesmo tempo, transformar vidas.

Como a FIESC se posiciona junto aos governos Estadual e Federal para acelerar os investimentos em infraestrutura?

A infraestrutura continua sendo o calcanhar de Aquiles da competitividade catarinense. Não é de hoje que alertamos para os gargalos: rodovias saturadas, acessos portuários precários, dependência excessiva do modal rodoviário e obras federais que se arrastam há décadas. A FIESC cobra objetividade dos governos Estadual e Federal porque não podemos perder investimentos e mercados por falta de logística. Estimamos a necessidade de R\$ 54,6 bilhões em investimentos até 2028, e isso exige coragem para priorizar e atrair capital privado. Defendemos concessões modernas e obras estruturantes nas BRs 280, 470, 282 e 285, além de acessos aos portos. Sem esses investimentos, o potencial do nosso estado fica limitado. Nosso papel é dialogar, com base em estudos consistentes, para garantir que logística deixe de ser entrave e se torne alavanca do desenvolvimento de Santa Catarina.

Como a indústria pode lidar com crises como o tarifaço imposto pelos Estados Unidos?

Quando a indústria é atingida por choques como esse precisamos responder com resiliência, união e criatividade — exatamente o que estamos buscando intensificar em Santa Catarina. A FIESC lançou o programa des-Tarifaço, que oferece consultoria gratuita, apoio à abertura de novos mercados, crédito

e qualificação de trabalhadores afetados, integrando as forças do SENAI, Sesi e IEL para amortecer o impacto sobre empresas e famílias. Mas não basta reagir, é preciso projetar o futuro. Nossa missão é articular, cobrar pragmatismo dos governos, construir pontes diplomáticas e preservar empregos, promovendo a busca por novos mercados. Mesmo diante de incertezas externas é possível virar o jogo quando a indústria se mobiliza coletivamente, com inteligência, força institucional e foco em soluções sustentáveis.

De que maneira a FIESC pretende estimular o associativismo empresarial, e por que isso é importante?

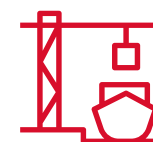
O associativismo é um eixo central da nossa gestão porque é ele que dá legitimidade e força à FIESC. Representamos 142 sindicatos industriais espalhados por todas as regiões do Estado, e são eles que captam as necessidades das empresas, unem os empreendedores em torno de pautas comuns e traduzem as urgências do setor produtivo. Nosso papel é valorizar e fortalecer essa rede, aproximando ainda mais os sindicatos dos serviços oferecidos pelo Sesi, SENAI, IEL e CIESC. Queremos que pequenas, médias e grandes indústrias se sintam parte desse movimento coletivo, que amplia a voz de cada território e dá à indústria catarinense a capacidade de influenciar políticas públicas, negociar em momentos de crise, como o tarifaço, e construir soluções conjuntas para temas estruturais, como educação, saúde e infraestrutura. O associativismo é, em essência, o que garante que a indústria catarinense fale com uma só voz e continue transformando desafios em oportunidades. 1c



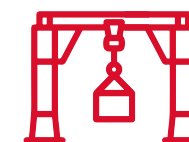
Desafiamos limites pela excelência na operação portuária

Na Portonave, acreditamos em excelência e nada menos. Fomos o primeiro terminal portuário de contêineres privado do Brasil e somos o terceiro maior movimentador do país*. Localizados no Sul, fazemos parte da TiL, um dos maiores operadores portuários do mundo. Navegamos juntos com quem compartilha nosso objetivo: potencializar os negócios de seus clientes.

Ao completarmos 18 anos de operação, seguimos expandindo nossos horizontes. Realizamos o maior investimento desde a nossa fundação, ao preparar o terminal para receber embarcações de uma nova geração, com 400 metros de comprimento. Esse tipo de navio ainda não opera na costa brasileira, mas isso mostra que aqui a excelência vem antes. E o futuro também.



Terminal portuário mais eficiente, com 118 movimentos de contêineres por hora (MPH)*



Investimento de cerca de R\$ 1,5 bi em novos equipamentos elétricos e na obra de adequação do cais



Capacidade ampliada para 2 milhões de TEUs**/ano em 2026

*Antaq, dezembro de 2024.

**Unidade de medida equivalente a um contêiner de 20 pés.

 portonave.com.br



PORTONAVE

Com excelência, aonde for.

Os novos PUXADORES DO PIB

Com Santa Catarina à frente, grupo de estados denominados “Onças Brasileiras” cresce acima da média, exhibe os melhores indicadores socioeconômicos e entra no radar dos grandes investidores nacionais e estrangeiros

Passado um quarto de século desde a virada do milênio, consolidou-se no Brasil um novo vetor de desenvolvimento. Enquanto o século 20 teve como locomotivas o eixo Rio de Janeiro-São Paulo, os estados mais populosos do Brasil, que absorveram a maior parte da migração interna e foram os motores da economia, da urbanização e da industrialização, no século 21 emergem os chamados mercados regionais, os estados de fora do eixo Rio-São Paulo.

Não foram todos os estados brasileiros “fora do eixo” que se destacaram, mas um conjunto de economias fortemente ligadas ao agronegócio, como Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Paraná e Espírito Santo. Um estado destaca-se ainda mais: Santa Catarina, com a economia mais diversificada e o mais industrializado do grupo. É também o que apresenta maior crescimento populacional, o que mais tem startups e é o mais competitivo – de acordo com o ranking do Centro de Liderança Pública (CLP), Santa Catarina ocupa a segunda posição, atrás apenas de São Paulo. Entre as 100 cidades mais competitivas, 11 são catarinenses, sendo Florianópolis a primeira do ranking.

“A descentralização do desenvolvimento e o crescimento dos chamados mercados regionais são um fenômeno mundial, pois a concentração em grandes metrópoles não é mais a única via de crescimento. Regiões menores, mas com ambiente de negócios favorável, qualidade de vida e infraestrutura de inovação, têm atraído investimentos e talentos”, afirma José Eduardo Fiates, diretor de Inovação e Competitividade da FIESC.

“Nesse contexto, Santa Catarina é um fenômeno à parte, pois apresenta resultados excepcionais”, diz o executivo. Um estudo da Secretaria de Planejamento de Santa Catarina emoldura a constatação. Entre 2002 e 2022 o PIB nominal do Estado subiu 756%, registrando o segundo maior patamar de crescimento na participação do PIB dentre todas as unidades federativas.

A plataforma de investimentos capixaba Apex Partners, especializada em mercados regionais, denominou os estados que se destacaram nas últimas duas décadas de “Onças Brasileiras”, em alusão aos Tigres Asiáticos: Coreia do Sul,

Taiwan, Hong Kong e Singapura, que se notabilizaram pelo fabuloso desenvolvimento econômico e social décadas atrás. Por aqui, foram as onças que puxaram o crescimento econômico recente do País. Enquanto em 2002 a economia dos mercados regionais correspondia a 53% do PIB brasileiro, em 2021 a participação havia saltado para 60%. Para a empresa, é neles que se encontram algumas das melhores oportunidades de investimentos do País, porém muitas vezes fora do radar dos maiores investidores.

O conjunto das onças compartilha uma série de características. São estados com crescimento econômico acima da média, atraentes para investimentos devido à infraestrutura, potencial de mercado e localização estratégica, possuem setores econômicos dinâmicos, fundamentais para o desenvolvimento do Brasil, e têm economias mais abertas.

“Além disso, as onças possuem IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) alto e os governos estaduais são bem avaliados, ou seja, a população está satisfeita ou um pouco mais satisfeita do que a média com os serviços de saúde, segurança e

educação oferecidos nos estados”, diz Paula Orrico, diretora da Futura Inteligência, empresa do Grupo Apex que realizou uma pesquisa nacional com 9.900 entrevistas para chegar a essas conclusões. “Como possuem equilíbrio fiscal, os estados conseguem fazer investimentos nessas áreas e também em infraestrutura, o que somado a outros fatores torna os ambientes propícios para se fazer negócios”, afirma a executiva.

Os indicadores de Santa Catarina se destacam. O IDH é o mais alto entre as onças, e a qualidade de vida e a oferta de empregos têm atraído uma quantidade enorme de migrantes brasileiros e estrangeiros. Os dados do Censo de 2022 demonstraram que o Estado cresceu 22% em comparação a 2010, o que configurou um ritmo 3,3 vezes superior à média nacional. Estimativas mais recentes do IBGE apontam para uma população atual de 8,2 milhões de habitantes – quase 2 milhões de moradores a mais do que em 2010.

Praticamente todos conseguem se colocar profissionalmente, pois há forte demanda por trabalhadores e a taxa de desemprego é a menor do Brasil. No segundo trimestre de 2025 o IBGE registrou 2,2% em Santa Catarina, a mais baixa desde o início da série histórica, em 2012. A taxa de informalidade também é

Maioria das Onças Brasileiras, como o Mato Grosso, deslanchou com o crescimento da agropecuária nos últimos 20 anos



ADOBESTOCK



DIVULGAÇÃO CUSER

a menor. A distribuição de renda, medida pelo Índice de Gini, é a mais equilibrada dentre todos os estados.

Uma confluência de fatores e características levou a esses resultados, como o forte crescimento da cadeia logística – importações, exportações e movimentação interna de cargas – nas últimas décadas, sustentada por uma estrutura portuária notável e incentivos fiscais duradouros. Mais relevante ainda é o protagonismo da indústria. O setor emprega 34% dos trabalhadores do Estado, enquanto a média nacional é de 21%. De acordo com o IBGE, a indústria catarinense foi a que mais cresceu em 2024 (7,7% sobre 2023) e também no primeiro semestre deste ano: 4,4%, três vezes mais do que a média nacional.

Dinamismo | Os resultados não surgem por acaso. Conforme o Índice de Competitividade Industrial (ICI), que considera a capacidade de produção e exportação de bens manufaturados e o aprofundamento e sofisticação tecnológica industrial, a indústria catarinense é a mais competitiva do Brasil. As exportações são as de maior valor agregado, considerando a relação US\$/tonelada. “A indústria é o principal motor do desenvolvimento catarinense, garantindo crescimento acima da média nacional”, diz José Eduardo Fiates. “O dinamismo se deve à combinação entre indústria exportadora, diversidade produtiva e vocação empreendedora, com um empresariado reconhecido pela capacidade de inovação.”

Em Santa Catarina o destaque é a indústria, que emprega cerca de 1 milhão de trabalhadores, quase duas vezes mais que no início do século

COMÉRCIO EXTERIOR EM RELAÇÃO AO PIB

Brasil.....	27%
Onças.....	41%
ES.....	62%
MT.....	57%
SC.....	42%
MS.....	38%
PR.....	32%
GO.....	28%

Fonte: Apex/IBGE, 2024; Atlas Brasil, 2024; Siconfi, 2024; MDIC, 2024

ONÇAS ACIMA DA MÉDIA

Estados mais dinâmicos exibem os melhores indicadores



PIB

Crescimento anual composto nos últimos 20 anos (%)

Brasil 2,2
Onças..... 2,7

MT 4,3
MS 3,1

SC 2,8

ES 2,5
GO 2,5
PR 2,2

Fonte: Apex/IBGE

Taxa de desocupação

2º trimestre 2025

Brasil 5,8
Onças..... 3,2

SC 2,2

MT 2,8
MS 2,9
ES 3,1
PR 3,8
GO 4,4

Fonte: IBGE

Fiates destaca também o fato de que cidades como Joinville, Blumenau e Florianópolis consolidaram polos industriais e tecnológicos que conectam universidades e setor produtivo. Além disso, a qualidade de vida exerce papel estratégico: atrai e retém talentos, especialmente na área de tecnologia. Esse fator também é destacado por Renato Lacerda, presidente da Invest SC, empresa do Governo responsável por gerar investimentos no Estado. “Santa Catarina é o estado mais seguro do Brasil há dez anos, o que reduz custos para empresas e oferece qualidade de vida para expatriados e famílias”, afirma o executivo, para quem Santa Catarina vem se consolidando como um dos principais destinos de investimentos no País.

“O que mais chama atenção de investidores externos é a diferença de Santa Catarina em relação ao

estereótipo do Brasil. Temos indicadores sociais e econômicos mais equilibrados, segurança pública e infraestrutura que fazem o investidor se enxergar no ecossistema catarinense”, destaca. Em pouco mais de um ano de operação com uma nova estrutura, a Invest SC montou uma carteira de 79 projetos que somam R\$ 26 bilhões em investimentos potenciais e podem gerar 20 mil empregos diretos. Metade dos aportes vem do exterior, com forte participação de empresas chinesas, como é o caso da instalação da indústria chinesa TP-Link em Joinville no ano passado. A Invest SC está implantando escritórios regionais na China e nos Estados Unidos, para prospecção ativa de negócios.

O empresário Cláudio Grando, fundador da Audaces, de Florianópolis, desenvolvedora de equipamentos de automação e softwares para confecções, conhece a fundo o mercado de Santa Catarina e faz negócios em todo o mundo. Sua empresa possui fábrica na Itália, vai abrir uma operação na Índia e vende para mais de 100 países. Para ele, um importante diferencial de Santa Catarina é o de receber bem quem chega para fazer negócios e empreender. “Somos um povo extremamente acolhedor e quem vem pode se inserir rapidamente na comunidade. É muito diferente do que acontece em outros países, onde é muito mais difícil conquistar a confiança das pessoas e pode levar anos para você conseguir se inserir”, conta.

Natural de São José do Cedro, no Extremo Oeste catarinense, Grando também destaca a tradição do associativismo empresaria-

FLORIPA AIRPORT
cargo

A porta de entrada para as suas importações em Santa Catarina

Terminal de cargas mais ágil do país

80% das cargas liberadas em até 24h.



VOOS TODOS OS DIAS

	Miami Florianópolis	Segunda - Sexta	2x sem
	Frankfurt Florianópolis	Terça - Sexta	2x sem
	Miami Florianópolis	Quinta	1x sem
	Lisboa Florianópolis	Segunda - Quarta - Sexta	3x sem
	Panamá Florianópolis	Segunda - Quarta - Sexta - Sábado	4x sem
	Santiago Florianópolis	Todos os dias	
	Buenos Aires Florianópolis	Todos os dias	
	Lima Florianópolis	Terça - Sexta - Domingo	3x sem

Zurich Airport
Brasil

Venha crescer com a gente!



rial como um fator para o sucesso. “Gostamos de fazer as coisas em comunidade, sabemos trabalhar dessa maneira, e quando vamos para fora isso nos ajuda a estabelecer boas relações”, afirma.

A trajetória da Audaces é simbólica da vocação catarinense para a inovação e a tecnologia. Criada em 1992 por dois formandos do curso de Ciências da Computação da UFSC, logo se tornou uma startup que foi abrigada pela incubadora Celta. A Audaces tornou-se líder no segmento de tecnologia para criação e desenvolvimento de moda na América Latina, e recentemente inaugurou uma nova sede em Florianópolis que funciona como um *hub* de tecnologia e inovação para conectar a cadeia produtiva da moda.

Alfaiaatária | Santa Catarina é importante para as ambições da Apex Partners, a criadora do conceito das Onças Brasileiras. A empresa pre-

tende se tornar o principal banco de investimentos regional do Brasil até 2030, descentralizando serviços tradicionalmente concentrados em São Paulo. Vem expandindo sua presença em Santa Catarina com escritórios em Florianópolis, Joinville, Blumenau e Joaçaba, além de planejar uma unidade em Balneário Camboriú. Seu diferencial está em oferecer soluções financeiras customizadas, distantes dos produtos “de prateleira” dos grandes bancos.

“Nosso modelo é como uma alfaiaatária: adaptamos cada solução à realidade do cliente, com autonomia de decisão na própria região”, diz João Vitor Carminatti, diretor regional para Santa Catarina da Apex. A empresa atende principalmente grandes empresas e famílias, evitando o varejo e investindo em poucos clientes, mas estratégicos. Uma das apostas é criar alternativas para que investidores locais, como *family offices* ligadas a grandes in-

Com cooperação a gente chega mais longe.



Com o trabalho e a dedicação das nossas 150 mil famílias, exportamos alimentos de excelência para mais de 80 países, atendendo às exigências e padrões internacionais. Esse resultado é fruto do cooperativismo, essência que nos move e fortalece para continuar crescendo juntos.

Charles
Colaborador



Movimentação de contêineres cresceu 55% nos últimos 10 anos,
fazendo de SC o segundo maior importador do País





DIVULGAÇÃO

Em várias cidades, polos tecnológicos conectam universidades e setor produtivo, e o Estado tem 8,5% das startups brasileiras



IDH

**Índice de
Desenvolvimento
Humano**

Brasil.....	0,730
Onças.....	0,758
SC	0,792

ES	0,771
PR	0,769
MS.....	0,742
GO.....	0,737
MT.....	0,736

Fonte: Atlas Brasil 2021

dústrias, apliquem seus recursos no próprio Estado, fomentando negócios na região.

Diante do *boom* imobiliário de Santa Catarina (65% do Valor Geral de Vendas da Região Sul de empreendimentos lançados entre março de 2024 e março de 2025), o setor de *real state* é a porta de entrada da empresa no Estado. O primeiro projeto é um edifício de 33 andares em Itajaí, em parceria com a construtora Aikon. O investimento supera R\$ 100 milhões, com participação de capital da própria Apex e de investidores locais. No total, a Apex já investiu R\$ 2,5 bilhões em empreendimentos imobiliários no Brasil. “Nosso modelo é sempre atuar em sociedade com

empresas regionais, compartilhando riscos e auditando os empreendimentos”, diz Carminatti.

As Onças Brasileiras devem a Santa Catarina. Em recente artigo publicado na plataforma da revista Exame, intitulado *Decifrando o enigma de Santa Catarina, estado inspirado nos EUA e orientado à indústria*, o ex-ministro do Turismo Vinícius Lummertz, natural de Rio do Sul, chamou a atenção por destacar que a prosperidade do Estado não é uma anomalia, mas fruto de uma construção deliberada: a ação de Dom Pedro II para a construção de um projeto alternativo de país: “A ocupação do território com imigrantes europeus, livres da herança colonial escravista, constituiu uma tentativa concreta de implantar um novo modelo de civilização nos trópicos”, escreve o ex-ministro.

www.portoitapoa.com

14 ANOS

PORTO ITAPOÁ

CONSTRUINDO O FUTURO.

Em **14 ANOS**, moldamos estruturas e geramos **oportunidades**. Seguimos em frente, integrando negócios, pessoas e cidades, com persistência e **superação**, ano após ano.

Movidos pela transformação e guiados por **propósito**, fizemos história, criamos legados e estamos **CONSTRUINDO O FUTURO!**



**BUILDING
THE FUTURE.**



PREÇO MÉDIO DO M² RESIDENCIAL (R\$ MIL)

Balneário Camboriú (SC).....	14,0
Itapema (SC)	13,6
Vitória (ES)	12,5
Itajaí (SC).....	12,0
Florianópolis (SC).....	11,8
São Paulo (SP).....	11,4
Barueri (SP)	10,9
Curitiba (PR).....	10,8
Rio de Janeiro (RJ).....	10,3
Belo Horizonte (MG)	9,6
Brasília (DF)	9,5
Vila Velha (ES).....	9,2

Fonte: CLP, IPS Brasil, Atlas Brasil, IBGE, FGV, Oxford 2024

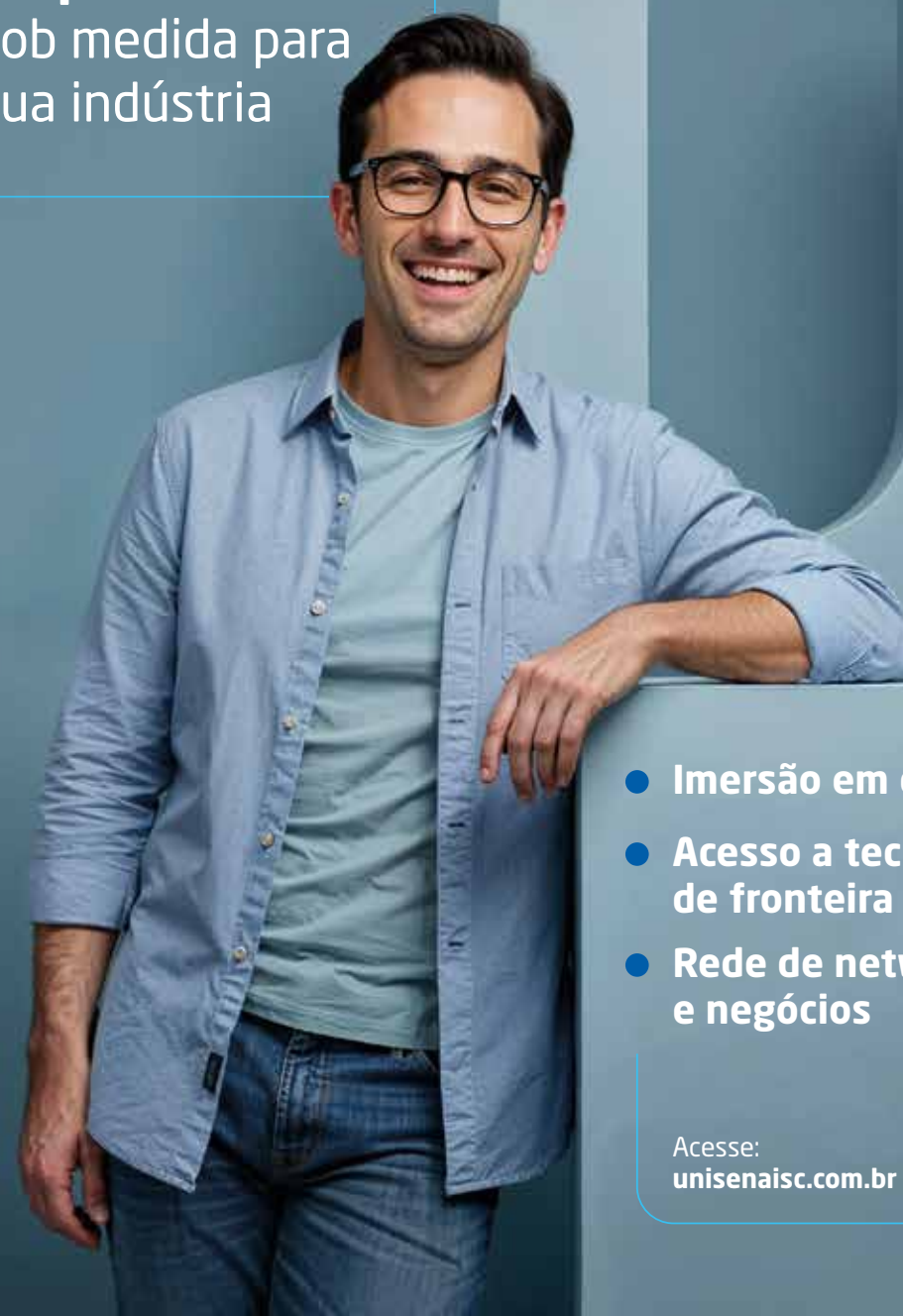
Balneário Camboriú é destaque do *boom* imobiliário do Estado, que tem maior Valor Geral de Vendas de lançamentos que RS e PR juntos

Para Lummertz, Santa Catarina teria sido o núcleo mais expressivo dessa construção, onde a miscigenação se deu de forma distinta, sem o peso da escravidão nas estruturas produtivas, com base nas pequenas propriedades e empresas, organização em cooperativas e modelo de produção descentralizado e dinâmico. E esse modelo foi replicado modernamente, na ocupação das fronteiras agrícolas através da migração, que forjou o que ele chama de Novíssimo Brasil, em que se destaca o agronegócio. “Agricultores e empresários rurais vindos de Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Paraná não levaram apenas tratores e sementes, mas também um modo de vida (...) O DNA produtivo da nova fronteira agrícola brasileira é essencialmente sulista – fruto das colônias idealizadas por Dom Pedro II.”

Por essa lógica, dá para dizer que Santa Catarina é a mãe das Onças Brasileiras.

PÓS-GRADUAÇÃO UniSENAI

**Educação
Corporativa**
sob medida para
sua indústria



- Imersão em desafios reais
- Acesso a tecnologias de fronteira
- Rede de networking e negócios

Acesse:
unisenaisc.com.br



Tarifaço testa resiliência catarinense

Setores da indústria sofrem duro golpe, mas Estado deverá continuar crescendo



Santa Catarina possui um dos maiores maciços florestais de pinus do mundo e o maior número de indústrias de fabricação de produtos de madeira do Brasil. É grande exportador de móveis e portas de madeira, molduras, compensados, painéis, celulose e papel. O destino da maior parte das exportações do setor são os Estados Unidos.

Em função do tarifaço as encomendas começaram a cair em julho, e em agosto uma série de medidas de apoio dos governos Federal e Estadual estava em prática, assim como ações da FIESC para auxiliar os exportadores.

O caso deverá pôr à prova algumas características da economia estadual. Uma delas é o poder da diversidade para mitigar crises sistêmicas. A indústria catarinense é a mais diversificada do País, de acordo com a CNI, e quando um setor não vai bem outros podem compensar. Isso não resolve o impacto na cadeia da madeira, mas um estudo da FIESC estima redução de 0,22% do PIB em função do tarifaço, no cenário mais provável. O que reduzirá o ritmo de crescimento catarinense, sem, entretanto, gerar uma recessão. A capacidade de vencer crises também será colocada à prova. "Santa Catarina é reconhecida por sua força produtiva e capacidade de superação. Estamos trabalhando para isso", afirma Gilberto Seleme, presidente da FIESC.

A ESPIRAL DO crescimento sustentável

O futuro de Santa Catarina depende de planejamento de longo prazo e visão integrada para alinhar os fatores que levarão a um ciclo virtuoso



Santa Catarina não vai parar de crescer, ao menos não tão cedo. De acordo com estimativas do IBGE, a população do Brasil ainda espichará um pouco até 2041, quando começará a declinar. O processo, entretanto, será bastante desigual entre os estados. O Rio Grande do Sul, por exemplo, deverá começar a encolher já em 2027, e o Pará em 2045. Santa Catarina, por seu lado, ficará maior do que os dois, e será um dos últimos a começar a encolher, lá pelo fim dos anos 2060. Constará então com mais de 10,5 milhões de habitantes – um crescimento de quase 30% sobre a população atual.

Viabilizar e dar sustentabilidade a um crescimento dessa magnitude ou ainda maior, conforme outras instituições projetam, é um gigantesco desafio multidimensional, que faz acender o alerta do planejamento de longo prazo – a exemplo do que fez Celso Ramos como governador do Estado (1961-1966). Fundador e primeiro presidente da FIESC, Ramos implementou o Plano de Metas do Governo (Plameg), contemplando as demandas da indústria e proporcionando um salto de desenvolvimento para Santa Catarina.

Desde então a história não se repetiu. A falta de planejamento nas últimas décadas teve como consequência a escassez de soluções à altura em infraestrutura, mobilidade, saneamento e habitação, que avançaram de forma fragmentada, sem a visão sistêmica necessária para atender o crescimento do Estado.

Superação de gargalos logísticos como a BR-101 está entre os maiores desafios para a sustentabilidade do crescimento de SC

Para José Eduardo Fiates, diretor de Inovação e Competitividade da FIESC, é necessário colocar em prática um novo ciclo de planejamento estratégico capaz de articular políticas públicas, investimentos privados e qualidade de vida. “Não existe uma bala de prata, mas um conjunto de fatores que precisam andar juntos em uma espiral de desenvolvimento, em que avanços em uma frente retroalimentam as demais, garantindo crescimento sustentável para Santa Catarina”, explica.

Marcos importantes vieram, é verdade, como a duplicação da BR-101, o novo aeroporto de Florianópolis e o alargamento da praia em Balneário Camboriú, porém com atraso e desconectados de um projeto de estado mais abrangente. Ainda assim, demonstraram como investimentos estruturantes podem mudar a percepção sobre o Estado, como no caso do aeroporto da capital, considerado o melhor do País pelo quinto ano consecutivo pela Secretaria Nacional de Aviação Civil.

Para José Eduardo Fiates, diretor de Inovação e Competitividade da FIESC, é necessário colocar em prática um novo ciclo de planejamento estratégico capaz de articular políticas públicas, investimentos privados e qualidade de vida. “Não existe uma bala de prata, mas um conjunto de fatores que precisam andar juntos em uma espiral de desenvolvimento, em que avanços em uma frente retroalimentam as demais, garantindo crescimento sustentável para Santa Catarina”, explica.

JOSÉ SOMENSI



PREVISC: A Previdência da Indústria Catarinense

Futuro garantido para quem faz a indústria acontecer.

Reconhecimento e confiança para quem investe em pessoas.

A previdência complementar pensada para **trabalhadores e empresas** do setor industrial de Santa Catarina.

Saiba mais!



Administradora

PREVISC
PREVIDÊNCIA COMPLEMENTAR

Instituidor

FIESC
PELO FUTURO DA INDÚSTRIA

A ideia é combinar avanços em várias frentes, como o investimento em infraestrutura de transportes e em cidades planejadas e bairros inteligentes, que garantam moradia adequada, mobilidade eficiente e preservação da identidade urbana. A capacidade de atrair e reter talentos precisa ser mantida, com a oferta de salários competitivos, segurança e qualidade de vida. Outro ponto importante é a construção de marcas fortes, com investimento em *branding* – tanto das empresas quanto do próprio Estado – para ampliar a inserção internacional e atrair investimentos.

Complexidade | No campo do planejamento, o Governo Estadual elabora o Avança SC, enquanto a FIESC estrutura o Avança Indústria SC, projetos alinhados que oferecem diretrizes para orientar o crescimento



Florianópolis é a cidade mais competitiva do Brasil e também uma das mais desejadas em função da qualidade de vida

com base em dados e indicadores, com metas estabelecidas e ênfase na integração regional, na elevação da complexidade econômica e com visão de longo prazo.

O Avança SC, em elaboração pela Secretaria de Planejamento do Estado, é uma plataforma que reúne indicadores detalhados e pretende oferecer roteiros de ação para prefeitos e gestores locais, alinhando políticas públicas, investimentos em in-

fraestrutura, incentivos tributários e vocações econômicas regionais. A ideia é criar um ambiente de equilíbrio entre litoral e interior, evitando que o desenvolvimento se concentre apenas em algumas cidades. “O sucesso de Santa Catarina está na diversificação e no equilíbrio regional. Por isso somos os últimos a entrar em crises e os primeiros a sair”, afirma Fabricio Oliveira, secretário de Estado do Planejamento.

O programa se baseia no conceito de complexidade econômica, ou seja, a diversidade e sofisticação das atividades produtivas em cada região. “Podemos organizar pacotes de infraestrutura, logística e incentivos que fortaleçam as vocações regionais e atraiam novas indústrias”, diz Oliveira. O programa está em fase final de estruturação e deve ser lançado como uma ferramenta inteligente, constantemente atualizada, integrando o trabalho do Governo com instituições estratégicas, como a FIESC. A iniciativa pretende ainda criar uma “escola de governo”, para capacitar gestores municipais a interpretar os dados e tomar decisões técnicas de longo prazo.

O Avança Indústria SC almeja promover conexões em diversas

camadas. Por exemplo: o ecossistema de inovação do Estado deverá estar ainda mais interconectado aos *clusters* industriais regionais; estes, por sua vez, poderão direcionar seus esforços para os seis setores prioritários da política industrial nacional vigente, como indústria 4.0, descarbonização, agro, saúde e defesa; complementa o quadro o setor de serviços com forte sinergia com a indústria, como logística e transportes, economia criativa e turismo.

“A chave para o sucesso está na visão integrada”, diz Fiates, da FIESC, para quem o desenvolvimento catarinense deve ser entendido como um ecossistema em que talentos, inovação, infraestrutura e qualidade de vida se alimentam mutuamente, com o Governo criando condições e a indústria gerando valor, impulsionando o Estado em uma espiral de crescimento contínuo. “Se conseguirmos alinhar esses fatores, Santa Catarina tem todas as condições de se tornar um modelo de desenvolvimento sustentável”, conclui.



VARIAÇÃO DO PIB DE SC

2022*1,8%
2023.....	3,4%
2024.....	5,4%
2025.....	6,9%

Fonte: Seplan SC/IBGE
(*) Dado consolidado; demais são estimativas da Seplan SC

População de Chapecó cresceu cerca de 40% entre 2010 e 2022, demonstrando que o interior também exerce atratividade



O desafio do capital humano

Indústria precisa de quase 1 milhão de trabalhadores qualificados nos próximos três anos

Apesar de ser considerada moderna e dinâmica para os padrões locais, a indústria catarinense, na média, fica atrás da maior parte dos concorrentes internacionais, de acordo com o Índice de Competitividade Industrial (ICI). Para superar o *gap*, um dos desafios é avançar em automação, robótica e inteligência artificial. Também é necessário inovar mais para avançar em produtividade e conquistar novos mercados. A FIESC desenvolve inúmeras ações que contemplam essas necessidades, mas se destaca especialmente na formação de capital humano. "A educação sempre foi uma das nossas prioridades porque a indústria depende de pessoas preparadas para lidar com novas tecnologias. Precisamos de gente capaz de inovar e resolver problemas", afirma Gilberto Seleme, presidente da FIESC.

O SENAI/SC é a maior rede de ensino profissional do Estado, com 51 unidades de educação profissional, um centro universitário e 14 unidades móveis. Seu desafio é qualificar mais de 950 mil trabalhadores nos próximos três anos somente para atender às demandas da indústria. A FIESC também atua em educação básica por meio das Escolas SESI, que despertam o interesse das crianças pela tecnologia, valorizam a matemática e preparam futuros empreendedores. **ic**



FILUPE SCOTTI



Educação Corporativa

A gente desenvolve os talentos que desenvolvem a sua empresa



Habilita

Soluções personalizadas para o desenvolvimento do seu time, com foco em ampliar a produtividade, a qualidade e o retorno sobre o investimento da sua empresa.



Curso Técnico Indústria

Se a sua empresa precisa aumentar a competitividade e a produtividade, a formação técnica é o caminho.



Aprendizagem Industrial

Transforme a Aprendizagem em uma ferramenta estratégica para preparar o profissional do presente e do futuro da sua empresa.



Saiba mais



sc.senai.br

SENAI



UM TIRO CERTEIRO para a indústria

Setor de Defesa tem demandas crescentes e incentivos da política industrial. Em Santa Catarina, o CONDEFESA faz a ligação entre empresas e Forças Armadas para a geração de negócios

POR LEO LAPS

Diante da nova geopolítica mundial, marcada por tensões, conflitos e guerras, a defesa da soberania deixou de ocupar o segundo plano no planejamento de muitos países – o Brasil incluído. Tanto que o setor de Defesa forma um dos seis eixos da Nova Indústria Brasil, a política criada pelo Governo Federal para impulsionar a indústria nacional até 2033. São previstos R\$ 112,9 bilhões em investimentos para obter autonomia de pelo menos 75% na produção de tecnologias críticas para as Forças Armadas (FAs).

Antecipando-se à tendência a FIESC fundou, em 2016, o Conselho de Desenvolvimento da Indústria de Defesa (CONDEFESA). Presidido pelo empresário Cesar Augusto Olsen, o órgão consultivo serve como interface entre indústrias catarinenses e as FAs na geração de oportunidades de negócios, com o objetivo de tornar o setor de Defesa um segmento estratégico para a economia de Santa Catarina.

Além de eventos regulares para aproximar as partes, desde 2019 o CONDEFESA organiza, em Florianópolis, a SC Expo Defense, que se tornou a maior feira do setor no Sul do Brasil. Devido ao seu formato, a feira abre oportunidades para empresas de pequeno porte, que têm dificuldade de se destacar em outros eventos do setor. “A feira foca na demonstração de capacidade industrial através de protótipos e projetos. O público-alvo são os militares, e não o público geral”, explica Olsen. A próxima edição será em maio de 2026.

Uma das principais missões do CONDEFESA se alinha aos planos da Nova Indústria Brasil: nacionalizar, ao máximo, o fornecimento de equipamentos, tecnologias e serviços para o setor. Nesse sentido, projetos que tiveram origem na SC Expo Defense 2024 ganha-

28

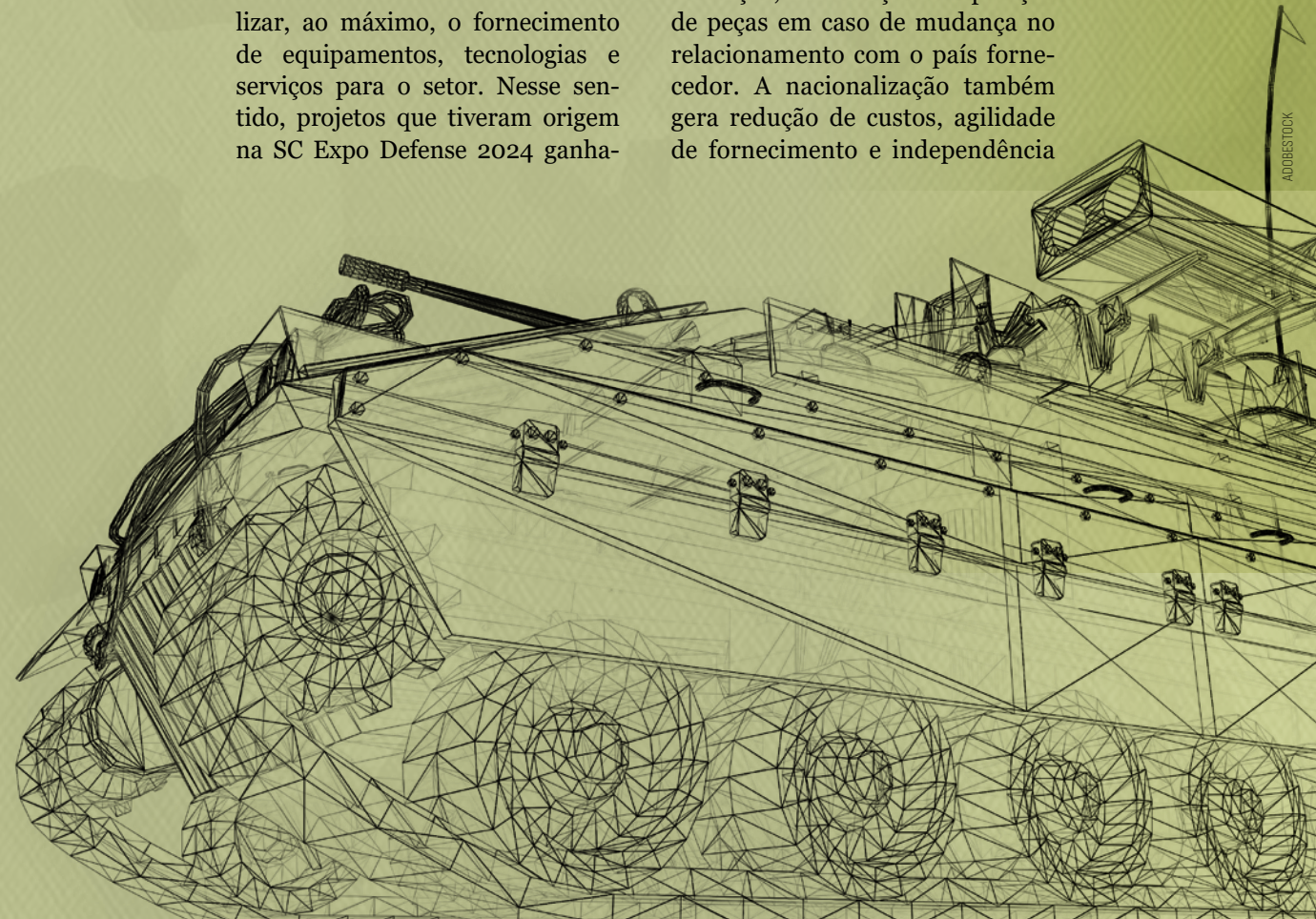
Catarinenses credenciadas como Empresas Estratégicas de Defesa (EED) junto ao Ministério da Defesa

ram apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado, a Fapesc, e estão se tornando soluções de empresas catarinenses nas áreas de energia, nanotecnologia, bioproteção e defesa balística, dentre outras.

“Não existe defesa nacional sem a participação da indústria brasileira.

Não adianta importar uma tecnologia se o país que a vendeu se tornar um agressor ou um inimigo no futuro, pois ele vai saber os pontos fracos da tecnologia”, argumenta Olsen, que é fundador de uma empresa que fornece equipamentos especializados para as FAs.

Outro objetivo é garantir a manutenção, atualização e reposição de peças em caso de mudança no relacionamento com o país fornecedor. A nacionalização também gera redução de custos, agilidade de fornecimento e independência





Foco da SC Expo Defense, organizada pela FIESC, é demonstração da capacidade industrial através de protótipos e projetos

Cesar Olsen, presidente do CONDEFESA: não existe defesa nacional sem a participação da indústria brasileira



tecnológica. Por isso o CONDEFESA tem participação ativa em negociações como a que trouxe para Itajaí o programa das fragatas classe Tamandaré, uma parceria entre a Marinha e a alemã thyssenkrupp. Em agosto a segunda fragata, a Jerônimo de Albuquerque, foi lançada ao mar, e outras duas estão em produção. Nos últimos meses, as negociações envolvem a vinda de uma fábrica de veículos militares Tatra, da República Tcheca, para Palhoça.

As Forças Armadas movimentam uma cadeia de suprimentos diversificada e cheia de oportunidades para a indústria. De alimentos a sistemas de alta tecnologia, o setor de Defesa precisa de fornecedores confiáveis em diferentes níveis, o que abre espaço para empresas de variados portes e segmentos.

“A base industrial brasileira desconhece o que a Defesa precisa, e vice-versa. O CONDEFESA da FIESC tem sido importante para melhorar esse relacionamen-

to e se tornou muito respeitado, sendo procurado por outros estados que querem espelhar seu trabalho”, afirmou o general de Exército Adhemar da Costa Machado Filho em sua última reunião no CONDEFESA, em agosto. Ao completar 75 anos, ele se aposentou do cargo de coordenador do escritório de Florianópolis do Sistema Defesa, Indústria e Academia (SisDIA) do Departamento de Ciência e Tecnologia do Exército.

Atualmente, 28 empresas catarinenses são catalogadas como Empresas Estratégicas de Defesa (EED) junto ao Ministério da Defesa para fornecer bens, serviços ou tecnologias, atendendo a critérios como a capacidade de prote-



Objetivo é nacionalizar ao máximo o fornecimento de equipamentos, tecnologias e serviços para o setor

SEGURANÇA PARA SEUS PRODUTOS, COMPETITIVIDADE PARA SUA INDÚSTRIA.

HÁ MAIS DE 57 ANOS A DIMEL APOIA A INDÚSTRIA COM SOLUÇÕES QUE UNEM SEGURANÇA, PRODUTIVIDADE E INOVAÇÃO. ENTREGAMOS APOIO TÉCNICO E PROXIMIDADE PARA O SUL DO PAÍS, COM UM **PORTFÓLIO DE SOLUÇÕES COMPLETAS.**

DESTAQUE EM SUPORTE TÉCNICO ESPECIALIZADO E COMPROMISSO COM SOLUÇÕES QUE CONTRIBUEM PARA A **COMPETITIVIDADE DA INDÚSTRIA NO SUL DO BRASIL.**

- FECHAMENTO DE EMBALAGENS
- CODIFICAÇÃO INDUSTRIAL
- UNITIZAÇÃO E PROTEÇÃO DE PRODUTOS E CARGAS
- IMPRESSÃO DE RÓTULOS
- APLICAÇÃO DE EMBALAGENS TERMOENCOLHÍVEIS

Dimel

(51) 3561.4550

WWW.DIMELNET.COM.BR

Cyklus

VIDEOJET

smipack

CRYOVAC



RICARDO STUCKERT/PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

Lançamento de fragata classe Tamandaré em Itajaí: Forças Armadas dão impulso para indústria naval em SC

ger informações sensíveis e o desenvolvimento de tecnologia sem dependência de soluções estrangeiras. Trata-se de um nível acima das Empresas de Defesa (ED), que também precisam do aval do Ministério da Defesa. As EEDs devem ter capital nacional, sede no Brasil e produção local, além de possuir conhecimento tecnológico próprio ou em parceria.

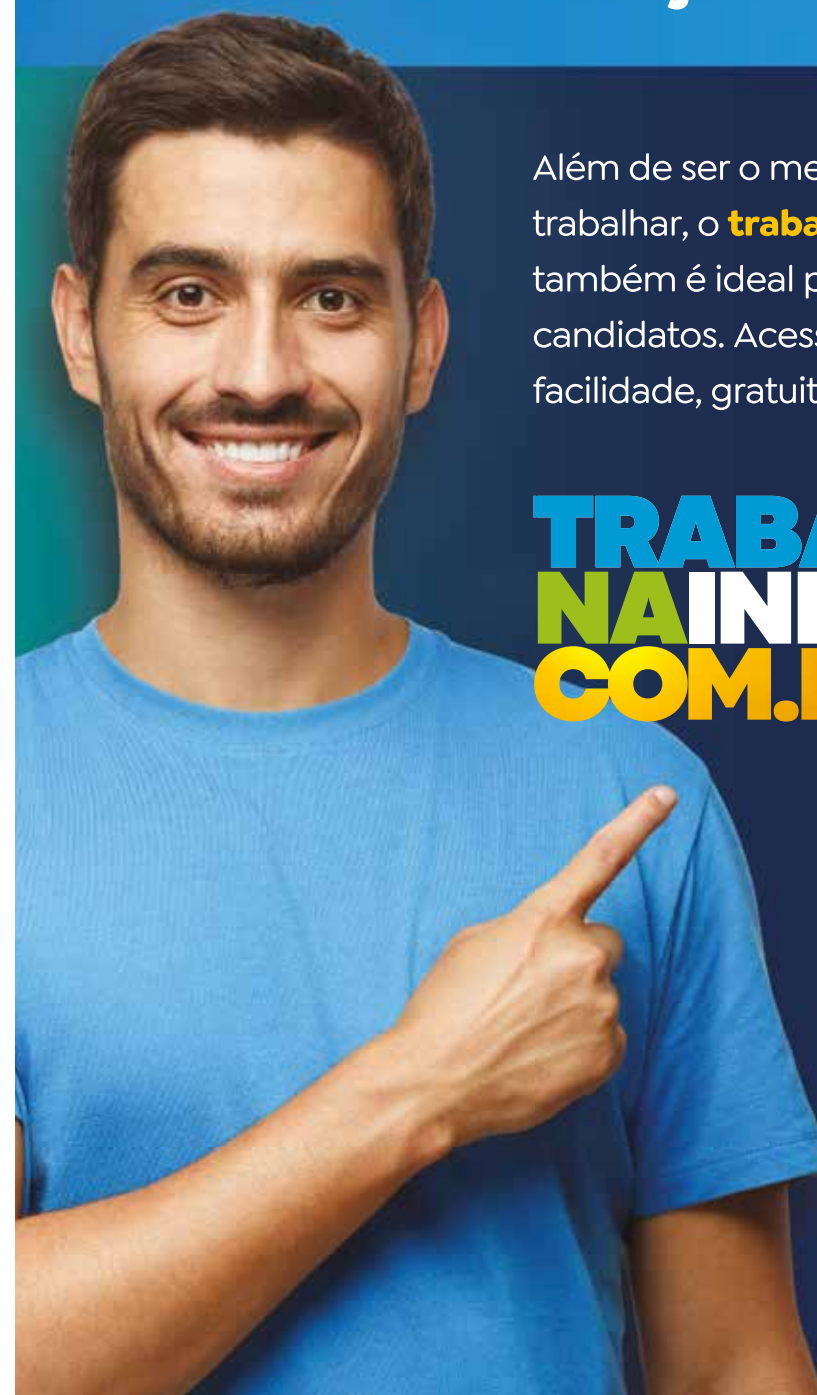
Santa Catarina é o terceiro estado com maior número de empresas catalogadas, atrás de São Paulo e Rio de Janeiro. “Ainda há muito potencial, nossas empresas precisam enxergar esse setor como um possível cliente. Não é simples. É preciso conhecer as necessidades e realizar algumas alterações em

produtos, mas é possível fazer com que a Defesa entre no portfólio”, argumenta a executiva do CONDEFESA, Luciane Camilotti.

O setor de tecnologia da informação e comunicação é destaque entre as EEDs de Santa Catarina. A Dígitro, de Florianópolis, foi a primeira empresa do Estado a obter a certificação. Já a IANA Tecnologia, startup também sediada na Capital, atuará até 2027 no projeto Centro de Desenvolvimento de Tecnologias Críticas para o Domínio Aéreo Futuro (CET-ADS), contratada pela Fundação Casimiro Montenegro Filho (FCMF) em parceria com o Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA) e a Fundação Certi, com suporte da Finep.

A IANA participará do desenvolvimento de algoritmos de Inteligência Artificial e Visão Computacional voltados a missões de

PARA ENCONTRAR OS PROFISSIONAIS QUE VOCÊ PRECISA, CONTE COM A FORÇA DA FIESC.



Além de ser o melhor lugar para quem quer trabalhar, o trabalhenaindustria.com.br também é ideal para empresas que buscam candidatos. Acesse e aproveite essa facilidade, gratuitamente, agora mesmo.

TRABALHE NA INDÚSTRIA. COM.BR

FIESC

COMO ACESSAR O MERCADO

Para que uma empresa se torne fornecedora das Forças Armadas, algumas etapas formais devem ser cumpridas. O primeiro passo é o cadastro no Sicaf, sistema que habilita a participação em compras públicas federais, exigindo documentos de regularidade jurídica, fiscal e trabalhista. Nesse nível, as empresas podem fornecer produtos e serviços de uso comum, administrativos ou logísticos.

Já para fornecer produtos específicos ou estratégicos de defesa, é necessário o credenciamento junto ao Ministério da Defesa, que reconhece as companhias como Empresas de Defesa (ED) ou Empresas Estratégicas de Defesa (EED). O processo envolve o atendimento a critérios técnicos e de qualidade, que podem incluir certificações, auditorias e comprovação de capacidade de produção. O credenciamento traz benefícios importantes, como incentivos tributários e prioridade em licitações de projetos estratégicos, acesso a programas de inovação e maior visibilidade no setor. As empresas não precisam ser necessariamente grandes, pois a escolha se baseia na criticidade de oferta da solução.

Independentemente de estar catalogada nessas categorias, qualquer empresa pode se cadastrar no CONDEFESA para começar a se inserir no ecossistema e receber conteúdos, divulgação de eventos e mensagens das Forças Armadas, além de participar das reuniões que promovem networking relevante.

O cadastro pode ser realizado pelo site
fiesc.com.br/camaras/condefesa

busca em uma área que inclui todo o território nacional e águas internacionais. A ferramenta poderá ser utilizada para localizar barcos pesqueiros à deriva, tráfego ilícito, pessoas, poluição ou destroços no mar ou na região amazônica, por exemplo. “O projeto vai trabalhar com imagens aéreas ou de satélites que serão analisadas pela Visão Computacional, mais eficiente que o olho humano, para buscas em grandes áreas”, explica o diretor executivo da startup, Carlos Duek, um ex-piloto com mais de 30 anos de experiência na Força Aérea Brasileira. “É um nicho bem delimitado, e para quem entende do setor é uma boa oportunidade. Tem que compreender, profundamente, a necessidade operacional, a cultura do usuário e seus procedimentos”, observa o executivo.

Pré-hospitalar | A Desmodus, empresa de Nova Trento especializada em equipamentos para atendimento pré-hospitalar (APH), desenvolveu um torniquete para controle de hemorragias que é utilizado por 14 instituições no Brasil, incluindo Exército, Marinha e Aeronáutica, todos os tipos de força policial e a segurança presidencial. Um terço do faturamento da empresa, que conta com uma rede de 15 fornecedores regionais de matérias-primas, vem de editais das Forças Armadas ou das forças auxiliares. A Desmodus já começa, também, a planejar exportações para todo o continente. “Fizemos testes clínicos na PUC-Campinas para comprovar a eficácia do equipamento e estamos no mesmo nível de equipamentos americanos”, afirma Cleber Archer, um dos sócios da empresa. **IC**



O PETRÓLEO também é nosso

Mesmo sendo pouco relevante na produção de óleo e gás, Santa Catarina se torna referência global em soluções para o setor com parceria entre Institutos SENAI de Inovação e Petrobras

A região de Joinville, um dos principais polos industriais do Brasil em setores como o metalmeccânico, têxtil e de automação, está se tornando referência também no desenvolvimento e fabricação de componentes de grande porte para exploração e produção de petróleo e gás natural – o que coloca Santa Catarina no mapa do setor, mesmo sem haver produção relevante de petróleo ou gás natural no Estado.

Uma parceria entre o SENAI e a Petrobras viabilizou a instalação de três

centros tecnológicos voltados para solucionar desafios do setor de óleo e gás com ênfase em robótica, manutenção aditiva a laser e na produção de equipamentos críticos, tais como conectores para dutos que ligam a tubulação de poços do pré-sal com plataformas e navios. As iniciativas são vinculadas aos Institutos SENAI de Inovação em Sistemas de Manufatura e em Processamento a Laser, sediados em Joinville, e receberão investimentos estimados em R\$ 380 milhões nos próximos três anos.

Consórcio | O Centro Tecnológico de Equipamentos Mecânicos para Operações de Óleo e Gás (Cetemo) receberá aportes de R\$ 283 milhões. Ele é o resultado de uma chamada pública lançada em 2023 pela Petrobras em nome do Consórcio Libra – em que a estatal opera um grande campo de pré-sal em parceria com a Shell Brasil, a Total Energies, a CNOOC Petroleum Brasil e a CNODC Brasil. O projeto apresentado pelo SENAI/SC foi selecionado nessa chamada. O desafio que a Petrobras propôs foi estabelecer no País um laboratório especializado no desenvolvimento e aperfeiçoamento de equipamentos mecânicos fundamentais na exploração de óleo e gás, que hoje são importados, além de ser capaz também de realizar testes para esses componentes.

“A Petrobras hoje compra componentes de fornecedores de países nórdicos e depende de uma cadeia produtiva que está toda no exterior. A ideia é criar capacidade no País para reduzir essa dependência”, explica Luís Gonzaga Trabasso, pesquisador-chefe dos Institutos SENAI baseados em Joinville. “Isso não é trivial, já que estamos falando, no caso de conectores de

duto de pré-sal, de peças de até 5 toneladas. Temos experiência com manufatura aditiva para o setor de óleo e gás, mas com peças bem menores.” O desenvolvimento desse tipo de expertise também poderá contribuir para promover melhorias nos componentes importados, adaptando-os a necessidades específicas da Petrobras.

A estrutura cria oportunidades para ampliar a competitividade nacional no setor de óleo e gás e também para estimular o crescimento da indústria metalmeccânica de Santa Catarina. “Existe ao menos uma dezena de empresas de fundição na região de Joinville que poderão receber encomendas de peças e componentes de empresas do setor. O novo centro promoverá o desenvolvimento de uma cadeia nacional e regional de suprimentos”, afirma Gilberto Seleme, presidente da FIESC.

O Cetemo vai funcionar em uma instalação de mais de 3 mil metros quadrados e contará com uma infraestrutura avançada, com máquinas computadorizadas para torneamento e usinagem e equipamentos auxiliares como pontes rolantes e guindastes, impressoras 3D para fabricação de peças em aço, máquinas de solda, serras e cortadores.

Segundo o gerente de Tecnologias Aplicadas da Petrobras, Vinicius de França Machado, os resultados esperados são a pesquisa e desenvolvimento de novas soluções mecânicas, a construção e testagem de protótipos de novas tecnologias e a realização de engenharia reversa e análise de falha de equipamentos danificados em busca de melhorias. Também integram o escopo da iniciativa a capacitação e o treinamento de profissionais e pesquisadores na área para desenvolver a indústria nacional de manufatura e usinagem de equipamentos com as tecnologias de ponta do cenário mundial atual.

Outros R\$ 100 milhões serão investidos nos Centros de Tecnologia Robótica e a Laser. “Os recursos vão dar um *upgrade* na estrutura já existente dos Institutos SENAI de Joinville”, explica Mauricio Cappra Pauletti, gerente executivo de Inovação e Tecnologia do SENAI/SC. “Estamos desenvolvendo novas competências para as equipes dos Institutos SENAI e ampliando a complexidade tecnológica de seu trabalho. Com isso, multiplicamos nossa capacidade de fazer parcerias com indústrias de Santa Catarina e do Brasil e responder às suas demandas.”

Playground de robôs | No caso do centro de Robótica, já foi concluído o projeto executivo para a construção de uma edificação de 3 mil metros quadrados para ampliar sua capacidade de testar equipamentos e tecnologias. O Instituto SENAI de Joinville desenvolveu, por exemplo, robôs para uso submarino em plataformas de petróleo e robôs capazes de escalar torres de *flare*, estruturas para queimar gases e vapores excessivos de forma controlada e segura. “Fazemos os testes operacionais dos robôs em

R\$ 380 milhões
INVESTIMENTOS
em centros tecnológicos do
setor de óleo e gás em SC

Operação em
campo de pré-sal:
equipamentos hoje
importados serão
desenvolvidos
e fabricados em
Joinville





NOVA REFERÊNCIA SETORIAL

Atividades que serão desenvolvidas no Cetemo

- Pesquisa e desenvolvimento de novas soluções mecânicas
- Construção e testagem de protótipos
- Engenharia reversa e análise de falhas de equipamentos
- Fabricação de componentes de alta precisão e complexidade
- Capacitação e treinamento de profissionais
- Desenvolvimento da cadeia de suprimentos

nossas dependências, mas, quando eles precisavam ser avaliados em ambientes relevantes, não tínhamos estrutura adequada e os levávamos para locais que simulavam condições reais de operação”, conta Trabasso.

“Com os investimentos no centro teremos, por exemplo, uma estrutura capaz de mimetizar o *flare* e um tanque para testes representativos do ambiente submarino. Vamos construir uma espécie de playground de robôs, em que eles poderão ser testados antes de serem levados a um ambiente operacional.” O investimento no Centro de Tecnologias Laser, por sua vez, será canalizado para a aquisição de novas máquinas.

De acordo com Trabasso, a competência acumulada poderá contribuir para um processo de *reshoring* – que é a repatriação para o Brasil da produção de bens e serviços que foram transferidos para outros países. A infraestrutura criada para os centros poderá ser útil para outros segmentos, como o automotivo, o aeroespacial e o naval. As mesmas máquinas poderão ser usadas, por exemplo, para projetar e fabricar moldes, matrizes e ferramentas para o setor automotivo. “Nossas ferramentarias já foram referência, mas a atividade foi transferida para a China”, diz Trabasso.

Entre os possíveis clientes dos novos centros também figura a indústria naval catarinense, cujo polo fica em Itajaí, onde estão sendo construídas quatro fragatas para a Marinha do Brasil. “Os centros tecnológicos que estamos estruturando são plataformas estratégicas de inovação que fortalecem a capacidade da indústria brasileira de desenvolver soluções de alto valor agregado e impulsionam a formação de talentos para setores como o automotivo, aeroespacial, naval, energia e mineração”, afirma o diretor regional do SENAI/SC, Fabrício Pereira. **IC**



Mais produtividade para sua empresa com cultura de segurança



Cursos presenciais



Cursos semipresenciais



Cursos 100% EaD

Conte com a qualidade e credibilidade da marca Sesi para:

- Transformar seus colaboradores em agentes promotores de segurança
- Ter o respaldo jurídico necessário para cumprir os requisitos legais
- Reduzir o número de acidentes e afastamentos

O Sesi é registrado no CREA/SC e está apto para emissão de ARTs



Conheça
nossos
cursos:



Caminho do meio para SEGUIR EM FRENTE

Como empresas familiares catarinenses em processo sucessório lidam com o potencial conflito entre tradição e inovação e se habilitam para continuar suas trajetórias vencedoras

POR MAURÍCIO OLIVEIRA

Empresas familiares que já passaram por transições de geração sabem que um dos grandes desafios do processo é encontrar o meio-termo ideal entre continuidade e transformação. Se por um lado é natural que a nova geração traga ideias diferentes, é esperado também que os antecessores defendam um certo nível de conservadorismo no ritmo e na abrangência das mudanças.

Trata-se de um conflito universal em empresas familiares, conforme concluiu recentemente o PwC Global Family Bu-

siness Survey. Enquanto 74% dos herdeiros afirmaram ter a expectativa de mudar significativamente o modelo de negócio, apenas 35% dos representantes da geração anterior disseram estar convictos de que os sucessores estão prontos para liderar. Dos 2.043 entrevistados ao redor do mundo, 22% afirmaram que as divergências familiares são o maior desafio para a construção da confiança com todos os *stakeholders*. Esse índice foi ainda maior – 26% – na amostragem brasileira do estudo.

“O choque entre tradição e inovação é um dos principais paradoxos das empresas familiares. São duas forças supostamente antagônicas, mas que podem se tornar complementares”, afirma Patrice Gaidzinski, curadora do Executive Development Program (EDP) da Academia FIESC de Negócios, que trata de sucessão e transformação da família empresária com novas turmas formadas semestralmente. “A chave é compreender onde está a complementariedade”, acrescenta.

Para que a sucessão não se transforme em um cabo de guerra, a geração que está passando o bastão precisa ter em mente que fórmulas que deram certo não necessariamente continuarão trazendo bons resultados. Já a geração que está recebendo o bastão deve se preocupar em honrar a história que conduziu a empresa até ali.

“Há um caminho do meio que precisa ser encontrado”, ressalta Patrice. Esse consenso, observa a especialista, não surge por acaso: resulta da consolidação do processo de governança corporativa, que estabelece diretrizes estratégicas para o futuro da empresa. “Isso implica considerar as expectativas e as necessidades de três subsistemas que existem em paralelo: família, propriedade e gestão.”



“É preciso considerar as expectativas e as necessidades de três subsistemas que existem em paralelo: família, propriedade e gestão”

Patrice Gaidzinski
Curadora do
EDP Sucessão e
Transformação da
Família Empresária,
da Academia FIESC
de Negócios



Transição gradual

Às vésperas de completar 60 anos de operação em Indaial, a Metalúrgica Fey (pronuncia-se “Fai”) vem passando por ajustes em sua estrutura de gestão. A liderança estava sendo exercida pelos quatro netos dos fundadores, sem que houvesse um diretor principal, mas recentemente dois deles passaram a compartilhar os atributos de CEO: Ricardo Fey Neto como vice-presidente de Operações e Fernando Fey como vice-presidente de Administração e Finanças.

Trata-se de mais um passo no processo gradual de sucessão de Adolfo e Bertoldo Fey, os irmãos que levaram adiante o negócio criado pelo pai, Ricardo Fey. Em 1966, Ricardo, que atuava como agricultor, vendeu tudo o que tinha e usou o dinheiro para comprar uma pequena fábrica de porcas que estava com as atividades paralisadas. A ideia era ter um negócio familiar para que os dois filhos pudessem trabalhar com ele. Poucos meses depois de adquirir a fábrica, no entanto, Ricardo sofreu um AVC e os filhos, que tinham pouco mais de 20 anos, precisaram assumir o comando.

A empresa, que no início fabricava apenas dois tipos de porcas, cresceu rapidamente. Hoje, com capacidade instalada de 3 mil toneladas mensais, produz uma grande variedade de porcas e parafusos, além de acessórios para tubos e mangueiras, grampos de molas e pinos de centro, peças para motocicletas, tratores e automóveis

leves e pesados. São 800 funcionários, com faturamento de R\$ 505 milhões no ano passado.

Adolfo e Bertoldo atuavam diariamente na empresa até a pandemia, quando se viram diante da necessidade de afastamento. Isso consolidou a passagem de bastão para os sucessores. Embora uma estrutura de governança corporativa venha sendo desenhada há mais de dez anos, com apoio de instituições como o Instituto Brasileiro de Governança Corporativa (IBGC) e a FIESC, a empresa ainda não criou um Conselho de Administração formal, com a participação de conselheiros externos.

“Meu pai e meu tio resistem a essa ideia, alegando que não é necessário ter gente de fora em um negócio que a família conhece tão bem”, conta Claudia Fey Tognotti, filha de Bertoldo, a única mulher entre os quatro netos do fundador, atual coordenadora do Conselho de Família e do Comitê de Sucessão e Cultura Organizacional. “Mas estamos cientes de que é algo em que precisaremos avançar para preparar a chegada da próxima geração.”

Somados, os quatro netos dos fundadores têm atualmente nove filhos – a mais velha está com 20 anos. Essa geração participa desde cedo da programação do Conselho de Família, que promove encontros periódicos para apresentação dos mais diversos aspectos relacionados ao funcionamento da empresa. “Não sabemos se, no futuro, a gestão continuará sendo familiar, mas estamos focados em preparar todos para o papel de sócios, porque sobre isso não há dúvidas”, diz Claudia.

Adolfo e Bertoldo Fey com seus filhos, os netos do fundador: terceira geração assume já organizando a passagem para a quarta



“Não sabemos se, no futuro, a gestão continuará sendo familiar, mas estamos focados em preparar todos para o papel de sócios, porque sobre isso não há dúvidas”

Claudia Fey Tognotti
Coordenadora do
Conselho de Família da
Metalúrgica Fey



FOTOS: DIVULGAÇÃO

Plano de uma década

Há dez anos, a Urbano Agroindustrial iniciou um plano de sucessão que será concluído, no final de 2025, com o anúncio do novo CEO, que poderá ou não pertencer à família. “Eu e meus irmãos sempre deixamos claro que nossos filhos e nossas filhas deveriam escolher livremente seus caminhos profissionais”, afirma Renato Franzner, o atual CEO, representante da segunda geração. “Por isso podemos afirmar que todo membro da família que está na empresa está por vontade própria.”

A estrutura de gestão passou por transformações relevantes em 2022, quando tomou posse a nova direto-

ria, composta por quatro membros da terceira geração da família. Naquele momento as diretorias passaram a estar centralizadas na sede, em Jaraguá do Sul – até então, o modelo era de comando distribuído entre os líderes das 19 unidades, instaladas em diferentes estados.

Fundada em 1960 por Urbano Franzner e Almindia Pradi Franzner, a empresa expandiu-se com a participação de seis filhos e a decisão estratégica de estabelecer operações no Rio Grande do Sul, estado que concentra a maior produção de arroz do País. Dorval Franzner, um dos seis irmãos, lembra que as primeiras filiais que foram sendo abertas passaram a ser dirigidas pelos próprios irmãos-sócios – ele, por exemplo, mudou-se para Meleiro (SC). Em seguida, com a expansão, as unidades passaram a ser lideradas por gestores internos que já faziam parte dos quadros da empresa.

Até o final da década de 1990, as filiais operavam como empresas independentes. “A centralização foi um processo

longo e complexo, dada a diversidade de situações envolvidas”, recorda Dorval. Agora, com a transição para a terceira geração em fase conclusiva, os representantes da segunda geração deixam integralmente os cargos de gestão e passam a atuar nos Conselhos, consolidando a separação entre papéis de propriedade, governança e gestão.

A terceira geração tem 17 integrantes, dos quais dez trabalham na empresa. Como o crescimento tende a ser geométrico, a quarta geração já soma 28 bisnetos do fundador, sendo que o mais velho está com 17 anos. “Ver esse ciclo de sucessão sendo concluído é uma grande satisfação para todos os envolvidos e um grande passo para o futuro da empresa”, conta Andressa Franzner, presidente

do Conselho de Família – ela é neta do fundador, sobrinha do atual CEO e filha de Dorval.

Em 2023, Andressa e mais três primas de núcleos familiares diferentes participaram do EDP da FIESC. “Foi uma experiência que abriu várias portas, tanto em termos de planos de ação que montamos a partir dali quanto de contatos com outras empresas familiares”, afirma. Hoje, com quase 2 mil funcionários, a Urbano produz 60 mil toneladas de alimentos por mês e tem mais de 100 produtos no portfólio, derivados do beneficiamento de arroz, feijão e cereais.

“Ao passarmos o bastão para a terceira geração, o que demonstra preparo, conhecimento e paixão pelo negócio, reafirmamos os valores que nos trouxeram até aqui: transparência, respeito, integridade, empreendedorismo, fé e união familiar”

Renato Franzner
CEO da Urbano
Agroindustrial

Encontro de membros da segunda e terceira gerações da família Franzner: consolidando a separação de papéis



Sucessão e Transformação da Família Empresária

Toda história precisa de continuidade.

A sucessão em empresas familiares vai além da transferência de cargos – é sobre preservar valores, transformar relações e construir um legado que ultrapassa gerações.

EDP

EXECUTIVE
DEVELOPMENT
PROGRAM

Público-alvo:

- Membros da família atuantes na empresa
- Outros familiares e futuras gerações
- Fundadores, sucedidos e sucessores

Turma 4 | 2026

De março a junho de 2026
Academia FIESC de Negócios



Garanta sua vaga

whatsapp **48 98867-0937**

comercialacademia@fiesc.com.br

Academia FIESC
de Negócios



Tradição com inovação

A Duas Rodas, fabricante de aromas para a indústria de alimentos sediada em Jaraguá do Sul, completará no próximo dia 1º de dezembro um século de existência com a convicção de estar pronta para um novo ciclo de crescimento. Essa sensação se origina, em grande parte, da conclusão do processo sucessório: Rosemeri Francener chegou ao cargo de CEO em substituição a Leonardo Fausto Zipf, representante da terceira geração que esteve no comando executivo por quase três décadas.

A empresa foi fundada em 1925 pelo casal Rudolph e Hildegard Hufenüssler, recém-chegado da Alemanha. Seus dois filhos, Dietrich e Rodolfo, assumiram o comando nos anos 1950. No final da década de 1990, escolheram Leonardo – genro de Rodolfo – para liderar a organização. Já Rosemeri não é integrante da família fundadora, mas trabalha na empresa desde 2001, quando tinha 20 anos. “É muito bom que tenhamos conseguido uma pessoa de dentro da organização. Nós sobrevivemos 100 anos porque conseguimos olhar as pessoas, desenvolver e treinar os talentos internos e fazer o nosso plano de sucessão”, diz Leonardo.

A nova CEO ingressou como assistente comercial, passou para a administração de vendas e chegou à controladoria, onde conheceu a fun-

Sede em Jaraguá do Sul, Zipf e Francener: sucessão com “prata da casa” marca o melhor momento de empresa centenária



FOTOS: DIVULGAÇÃO

do os processos e as estratégias da empresa. Em 2015, quando a Duas Rodas criou uma diretoria de negócios internacionais, ela foi escolhida para o cargo. Em apenas sete anos, as receitas da área cresceram exponencialmente, sucesso que pavimentou seu caminho como futura CEO.

Não foi um processo simples, no entanto. Envolveu a avaliação de 30 candidatos internos e externos ao longo de três anos, com base nas diretrizes estabelecidas pelo Conselho de Administração. Em paralelo, os seis diretores também foram substituídos, por aposentadoria – cinco dos sucessores são “prata da casa” e apenas um foi recrutado no mercado.

“Acredito que esse processo de sucessão tenha passado várias mensagens. A principal é de continuidade: ficou claro que a Duas Rodas quer continuar sendo a Duas Rodas”, afirma Rosemeri. Ela considera que está receben-

do a empresa no melhor momento em toda a história centenária. “Tem uma governança completamente implementada, um conselho de administração ativo, participativo e apaixonado pelo negócio e um time de gestão extremamente preparado. Nossos diretores, gerentes e todos os talentos estão prontos para os desafios que vamos ter no futuro.”

A arrojada meta apresentada à nova CEO é mais do que dobrar o faturamento nos próximos quatro anos, chegando a R\$ 4 bilhões. Entre as estratégias centrais estão intensificar a presença internacional e continuar destinando 5% da receita a inovações. Como resultado desses investimentos, 18,4% da receita do ano passado veio de produtos desenvolvidos ou atualizados nos últimos três anos. “Mais do que matérias-primas, nós vendemos tecnologia”, diz Leonardo. **IC**

“Acredito que esse processo de sucessão tenha passado várias mensagens. A principal é de continuidade: ficou claro que a Duas Rodas quer continuar sendo a Duas Rodas”

Rosemeri Francener
CEO da Duas Rodas

A DIFÍCIL EQUAÇÃO da engenharia

Currículos defasados, baixa taxa de conclusão e falta de alinhamento com a indústria motivam projeto nacional para formar profissionais capacitados, e UniSENAI/SC é referência

Engenheiros e indústria são como unha e carne: inseparáveis. Não dá para imaginar uma empresa do setor que prescindia de engenheiros para exercer funções técnicas, inovar, gerir ou, de forma mais genérica, resolver problemas. Deles se esperam resultados que podem ser medidos em produtividade e qualidade, o ‘santo graal’ de qualquer indústria. Porém, pode-se dizer que a relação está abalada. Há um sentimento generalizado de que a maioria dos engenheiros recém-formados chega ao mercado distante da realidade da indústria, frustrando as expectativas do setor. Além da qualidade deficiente, a quantidade de engenheiros que se formam é insuficiente.

As constatações são compartilhadas no próprio meio profissional. Tanto que a Academia Nacional de Engenharia (ANE) está desenvolvendo uma ação para tentar reverter o quadro. Um grupo de trabalho foi criado com o propósito de dinamizar o ensino de engenharia no Brasil, estabelecendo proposições de boas práticas para a formação profissional consolidadas em uma base de informações que possa ser compartilhada pelas universidades, além de elaborar um plano nacional de reestruturação das escolas de engenharia.

A iniciativa tem à frente engenheiros catarinenses ou ligados ao Estado, dentre eles José Fernando Faraco, ex-presidente da FIESC, Ernesto Heinzelmann, ex-presidente da Embraco, e Álvaro Toubes Prata, ex-reitor da UFSC, além do presidente da ANE, Mário Menel, que foi diretor da Celesc. “O engenheiro é um agente central para o aumento da produtividade, que é um dos maiores desafios do Brasil. Precisamos de engenheiros competentes, capazes de resolver problemas reais dentro das empresas”, afirma Carlos Alberto Schneider, criador da Fundação Certi em Florianópolis e coordenador do grupo de trabalho da ANE.

A fotografia atual da engenharia no Brasil de fato não é bonita. Atualmente o número de graduados em engenharia no Brasil é de 19 para cada 100 mil habitantes, proporção que é algo entre 15 e 20 vezes menor do que em países como Ucrânia, Rússia, Coreia do Sul e Irã (veja o quadro). Mesmo em Santa Catarina, onde alguns cursos como a engenharia mecânica da UFSC se tornaram referenciais nacionais, a disputa por vagas despencou nos últimos anos, e dos alunos que entram apenas 36% se formam.

Dentre as causas da decadência quantitativa e qualitativa da engenharia brasileira, Schneider cita fatores como currículos ultrapassados e pouco práticos, burocráticos e com excesso de teoria, e gestão universitária deficiente, com pouco incentivo ao mérito e resistência a práticas modernas de ensino. “Além disso, no ensino fundamental e médio há falhas graves na formação em matemática, física e inglês, o que se reflete na redução da procura por cursos de engenharia ou em dificuldades para os estudantes concluírem sua formação”, diz Schneider.



ORÇAMENTO

Schneider, da Academia Nacional de Engenharia: necessidade de profissionais capazes de resolver problemas reais dentro das empresas

20 mil 

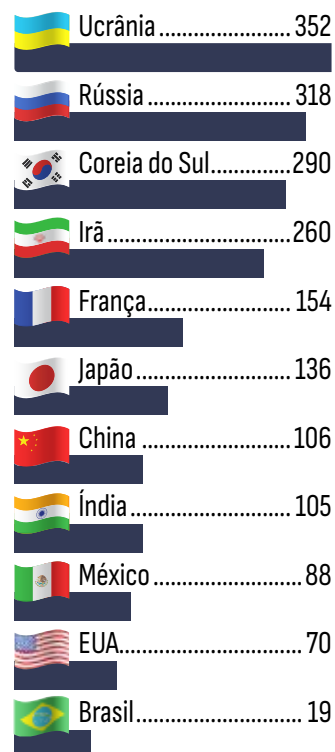
Número de estudantes admitidos nos cursos de engenharia em SC (2024)

36%

Taxa de conclusão em SC (ingressos em 2014 e graduação acumulada em 2023)

DESCOMPASSO COM O MUNDO

Graduados em engenharia por 100 mil habitantes (2024)



Fonte: ANE/World Economic Forum/Unesco/Forbes/Statista



“Esse descompasso gera um ciclo vicioso”, complementa o engenheiro Fabrício Pereira, diretor regional do SENAI/SC e reitor do UniSENAI/SC, parceiro da ANE na iniciativa. “As empresas têm dificuldade em encontrar profissionais aptos a enfrentar os desafios do dia a dia e as universidades, muitas vezes, não conseguem alinhar seus currículos às demandas reais do mercado”, diz Pereira, que afirma haver demanda reprimida por engenheiros para trabalhar em automação, digitalização, sustentabilidade e integração de tecnologias, mas a indústria não encontra esse perfil na maioria dos recém-formados.

Um dos pilares do projeto da ANE é a articulação com universidades catarinenses para testar novas metodologias de ensino que posteriormente servirão de referência no Brasil – Santa Catarina foi escolhida por já contar com um ecossistema maduro de interação entre universidades e indústrias. Além do UniSENAI, são parceiras no projeto UFSC, Udesc e Católica SC. A proposta pedagógica diferenciada do UniSENAI é uma das principais referências que poderão ser adotadas, no futuro, por outras instituições. “Ela é construída a partir de um diagnóstico preciso das necessidades da indústria”, diz Pereira.

IndTechs | As chamadas metodologias ativas estão entre os destaques do UniSENAI, como o PBL (Project-Based Learned) e cocriação com a indústria, que colocam o estudante em contato com problemas reais desde o início do curso. Os currículos são elaborados em parceria com empresas como Bosch, Tupy, WEG e Portobello, que acompanham e avaliam os projetos dos alunos. “A metodologia permite que os estu-



Currículos do UniSENAI são elaborados em parceria com grandes indústrias, que acompanham e avaliam os projetos dos alunos

dantes desenvolvam pensamento crítico, capacidade de inovação e habilidade de trabalhar em equipe, competências essenciais para os engenheiros do século 21”, afirma Cleunisse Rauen Canto, pró-reitora de graduação do UniSENAI/SC.

Além disso, por meio da integração com os Institutos SENAI de Inovação e Tecnologia, os alunos têm acesso a laboratórios de ponta e participam de projetos avançados em áreas como robótica, inteligência artificial, bioeconomia e manufatura avançada. Há incentivo para a criação de startups (IndTechs) ligadas à indústria e ao intraempreendedorismo, o que permite a formação de engenheiros também com perfil de gestores. A internacionalização é outra trilha aberta nas engenharias, com a oferta de dupla certificação com instituição norte-americana, ampliando

a qualificação e a competitividade global dos egressos.

O resultado é uma taxa de empregabilidade superior a 90% entre os engenheiros formados pelo UniSENAI catarinense, a maior parte deles absorvida pela indústria. Certamente é o que mais próximo há no mercado do conceito de “engenheiro de excelência” que está sendo elaborado pela ANE para nortear a sua ação. A definição ainda não está completa, mas certamente passa por profissionais reconhecidos pela indústria como solucionadores de problemas, preparados para aplicar conhecimentos de forma prática e elevar a produtividade do setor. “Não é apenas quantidade que importa, mas a formação de quadros capazes de gerar valor imediato e sustentável para a competitividade do País”, diz Carlos Alberto Schneider. [ic](#)

A fórmula da ETERNA JUVENTUDE

Empresas do setor investem em sucessão familiar, tecnologia e qualidade de vida para que filhos de agricultores encontrem no campo oportunidade de futuro – e não motivo para partir

POR LEO LAPS

Aos 17 anos de idade, a catariense Eduarda Meyer divide seu dia entre estudos no terceiro ano do ensino médio e o trabalho na propriedade da família em Cunha Porã, onde são produzidos todos os meses ao menos 10 mil litros de leite de vaca. A jovem tem um envolvimento ativo no negócio, averiguando a saúde do rebanho, o trato, o rendimento das ordenhas e cuidando da limpeza e da organização do local. Quem toma as decisões sobre investimentos e planejamentos são os pais, mas ela está a par de cada detalhe e com um apreço especial aos números: em 2026, pretende iniciar uma faculdade de Ciências Econômicas, provavelmente em Chapecó, distante 90 quilômetros do pequeno município onde o avô adquiriu, muitas décadas atrás, o lote onde a família cria o gado e também planta fumo.

“Quero fazer faculdade, mas nunca me desligar do campo. Quero ter uma visão diferente do mundo, do que se passa, para depois voltar com essa experiência”, sentencia a estudante. “Temos uma grande oportunidade nas mãos trabalhando no campo. O mundo precisa do resultado que vem daqui”, complementa.

O êxodo rural é um fenômeno mundial, e no Brasil e em Santa Catarina não é diferente: a cada censo é notável o aumento da população urbana. Segundo o último levantamento do IBGE, com dados de 2022, o Brasil perdeu 4,3 milhões de moradores na zona rural e ganhou 16,6 milhões nas áreas urbanas nos últimos 12 anos, num ritmo acelerado em relação aos dados de 2010.

Mas um fator talvez ainda mais decisivo para o futuro do trabalho rural é o envelhecimento da população no campo. Dados do Censo Agropecuário de 2017, também do IBGE, revelam um enxugamento progressivo no número de jovens em regiões agrícolas. Aqueles com idade entre 25 e 35 anos passaram de 13,56% do total para 9,48%, em relação a 2006. Já pessoas com mais de 65 anos subiram de 17,52% para 21,4% entre as duas pesquisas.

Nesse contexto, a manutenção do jovem no campo tem sido um tema crucial tanto para o poder público como para grandes empresas do setor agroindustrial, que desenvolvem em Santa Catarina uma série de programas e incentivos que acabam tornando o campo mais atrativo para novas gerações.



Eduarda na propriedade da família em Cunha Porã: oportunidade nas mãos trabalhando no campo



9,48%
Fatia da população rural com idade entre 25 e 35 anos



21,4%
Parcela com mais de 65 anos

Fonte: IBGE – Censo Agropecuário 2017



Zordan: promoção de novas relações familiares favorece permanência de jovens nas propriedades

Aliadas ao desenvolvimento tecnológico e à inclusão digital, que tornaram menos árduo o gerenciamento das propriedades e trouxeram mais conforto para o cotidiano longe das cidades, as ações buscam valorizar o produtor rural e mostrar que, com boa organização e conhecimento – que o melhor acesso ao ensino superior, como no caso de Eduarda, também alavanca –, é possível obter ganhos consideráveis como donos do próprio negócio. Para completar, há constantes demonstrações de reconhecimento ao trabalho nessas pequenas propriedades que, juntas, abastecem um mercado global importantíssimo para a economia nacional.

Dinheiro | A família de Eduarda Meyer – que foi contemplada nos últimos dois anos com premiações de destaque em Cunha Porã – vende toda a produção de leite para a cooperativa central Aurora, onde desde meados dos anos 1990 os programas De Olho na Propriedade e Qualidade Total oferecem aos produtores cooperados uma série de cursos e palestras focando na organização familiar – abordando inclusive questões de saúde e o embelezamento das propriedades – e no controle financeiro do negócio.

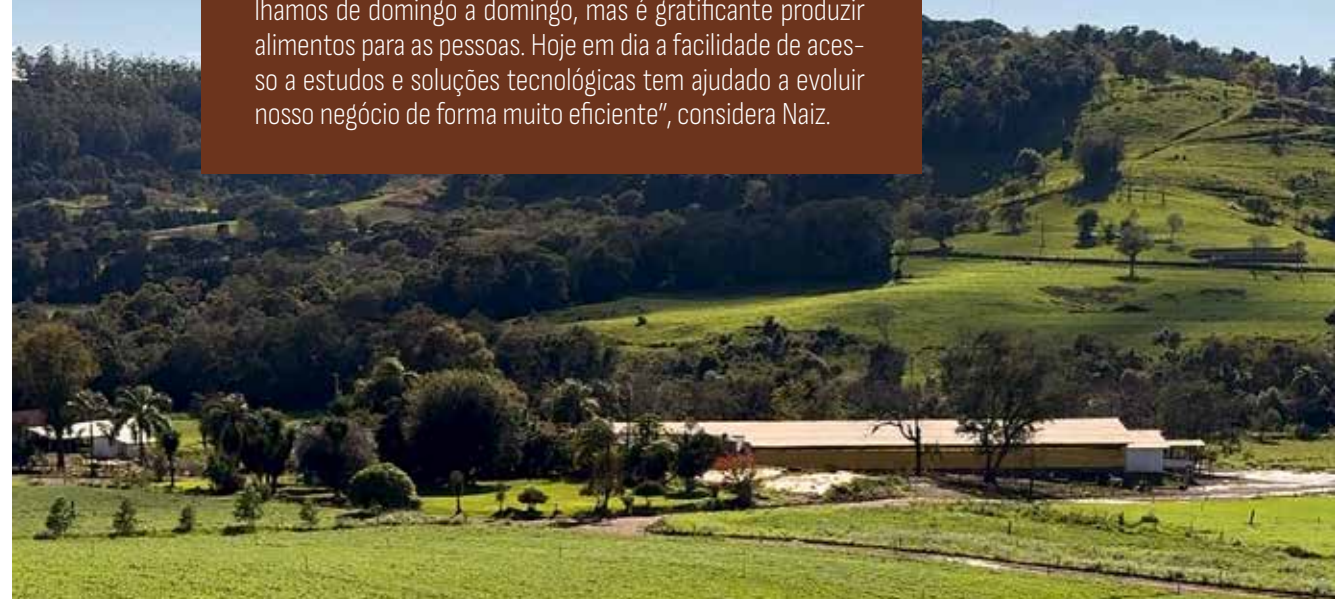
Tal suporte, construído em parceria com o Sebrae e o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR), além de cooperativas de crédito, ajudou a Aurora a alcançar a marca, segundo pesquisa recente, de 55% de propriedades preparadas para a sucessão familiar, ou seja: novas gerações interessadas em manter e até mesmo ampliar a produção iniciada por pais e avós em suas propriedades.

“O jovem quer participação de fato nas atividades. Antigamente, só os pais decidiam, e o filho ficava à mercê deles, tinha que pedir dinheiro pra sair, não era nem considerado empregado. Com esse trabalho, mostrando aos pais que o filho tem que tomar parte nas decisões, conseguimos melhorar a permanência do jovem no campo. Se ele tem seu dinheiro, seu celular, uma casa melhor para viver, ele acaba ficando na propriedade”, avalia o vice-presidente de Agronegócios da Aurora, Marcos Antonio Zordan.

O executivo reforça o papel da pecuária para a melhoria no faturamento das propriedades rurais, ainda mais com o avanço da automação e da tecno-

Gratificante e eficiente

Para o produtor rural Anderson Luiz Naiz, de 27 anos, o acesso à tecnologia no campo tem sido essencial para o crescimento do negócio iniciado pelos pais nos anos 1990 em Iraceminha, no Extremo Oeste de Santa Catarina. Ele e o irmão, Cleiton, mantêm uma granja de suínos em contrato com a Aurora, com quase 5 mil animais, além da produção de 10 mil litros de leite de vaca por mês. Em 2023, a família adquiriu um robô alimentador de suínos que melhorou a conversão alimentar e diminuiu a necessidade de mão de obra e o desperdício de ração. “Trabalhamos de domingo a domingo, mas é gratificante produzir alimentos para as pessoas. Hoje em dia a facilidade de acesso a estudos e soluções tecnológicas tem ajudado a evoluir nosso negócio de forma muito eficiente”, considera Naiz.



logia no campo. A Aurora, assim como outras grandes empresas do setor, aplica o chamado modelo de integração rural, sistema de produção agrícola onde produtores se associam à agroindústria, estabelecendo contratos para produção e processamento de matérias-primas usando infraestrutura e mão de obra própria.

“Em uma propriedade de 15 hectares, que é a média dos nossos

produtores, se fossem plantados milho, feijão ou soja, eles já teriam abandonado a propriedade. Com o modelo de integração e a produção de proteína animal há um custo alto para investir, mas há um suporte da agroindústria e o retorno financeiro é muito bom. Um casal consegue administrar um aviário com 40 mil frangos e faturar mais de R\$ 60 mil em dois meses. Que profissão te dá isso na cidade?”, compara Zordan.



Cooperativa central é o terceiro maior conglomerado industrial do setor de carnes do Brasil

Receita operacional bruta R\$ 24,9 bilhões (2024)

Famílias rurais associadas às 14 cooperativas filiadas 85,6 mil

Empregos diretos 48 mil

O agro do silício em SC

Adotando soluções tecnológicas, nova geração conecta produtividade e qualidade de vida no campo

“O novo vale do silício do mundo é o agro brasileiro.” A comparação, que chama a atenção para o rápido desenvolvimento de tecnologias para o campo e a sua adoção pelos produtores, é de José Antonio Ribas, diretor executivo de Agropecuária da Seara, uma das marcas da JBS que opera em Santa Catarina pelo modelo de integração rural. “O setor está em um alto nível de incorporação de tecnologia e nós estamos sendo protagonistas nisso: o modelo de galpão para suinocultura que o Brasil está adotando é o que desenvolvemos, baseados em trocas de experiência com o mundo e na ciência, e que busca o bem-estar único: dos animais e das pessoas que estão envolvidas no processo”, explica.

Para ele, a tecnologia está tornando o campo cada vez mais atrativo para os jovens, que percebem no agronegócio a oportunidade de assumir um protagonismo e empreender de fato. “Hoje, ele não precisa mais dormir dentro do galpão para cuidar da temperatura ambiente, ele faz isso a distância, pelo celular. Essa inclusão digital faz também com que ele tenha acesso à informação, ao mundo, mesmo longe da cidade”, avalia o executivo. Por outro lado, a baixa qualidade de conexão de internet, algo que também ocorre em muitas regiões urbanas, é um desafio maior ainda no campo. Mesmo assim, calcula-se que 80% das propriedades estão com algum nível de acesso à rede.

A empresa tem na plataforma SuperAgro o seu instrumento de capacitação e suporte aos produtores integrados. Uma equipe com 600 profissionais oferece atendimento, on-line e presencial, para ajudar em cada tomada de decisão. Pela plataforma o produtor também aprende pelos melhores exemplos.

“Ele começa a ter contato com gente que está fazendo resultados em nível de altíssima excelência e pode copiar exemplos. A gente dá muita evidência a quem tem os melhores resultados”, afirma Ribas, que observa um ciclo virtuoso em crescimento nas zonas rurais do País: o sucesso dos negócios faz com que haja uma fila de interessados em se tornarem integrados da agroindústria, situação oposta à de alguns anos antes.

Além de oferecer premiações e recompensas de mérito para produtores que atingem níveis de excelência em suas propriedades, a empresa também dá estímulos financeiros para aqueles que investem em melhorias e mais tecnologia. Em Lauro Müller, a família de Ederson Coan foi novamente uma das vencedoras deste ano do Prêmio SuperAgro, com o primeiro lugar em conversão alimentar ajustada para frangos – indicador da eficiência com que os animais transformam a ração em peso corporal (leia o destaque).



Ribas: inclusão digital facilita o trabalho e torna os negócios rurais mais atraentes



2.668
Produtores integrados da Seara em SC

SC concentra

25%
da produção de frangos

30%
da produção de suínos da Seara

Motivação de sobra

Aos 32 anos, Ederson Coan é produtor integrado da Seara e administra a produção de 60 mil aves junto com o pai, Gelson — a mãe, professora, também participa das decisões financeiras e no planejamento do negócio. Ele nunca quis deixar o campo e se formou em Agronomia na primeira turma noturna criada pelo Centro Universitário Barriga Verde, em Orleans, a 20 quilômetros de casa. “Sou filho único, quero estar perto dos meus pais. E gosto muito do que faço, somos bons no que fazemos, sempre somos elogiados pela empresa, e os resultados financeiros são bons. Não haveria motivo para eu tentar a vida na cidade”, atesta o jovem agricultor.

A terra onde a família trabalha foi adquirida pelo bisavô de Ederson, e já produziu farinha, cachaça, milho e, até a integração com a Seara, há 15 anos, a família vinha priorizando o plantio de fumo. “Percebemos que, com as aves, o trabalho rendia mais, dependia mais do nosso esforço do que de outros fatores externos. Fizemos um financiamento para montar o galpão e, aos poucos, fomos automatizando processos. Hoje administramos a propriedade e só precisamos contratar diaristas em épocas de maior demanda”, conta Ederson. Com melhorias em automação e sustentabilidade — como a mudança do sistema de aquecimento da lenha para a biomassa — a família obteve ainda ganhos financeiros adicionais no contrato com a Seara. [IC](#)



Líderes preparados, equipes mais saudáveis e empresas mais produtivas

A **Trilha de Saúde Mental para Lideranças** desenvolve gestores para cuidar da própria saúde e apoiar suas equipes, **tornando-os agentes de proteção para a saúde mental no trabalho.**



Preparação para lidar
com desafios emocionais
no trabalho



Cultura
organizacional
mais saudável



Impacto positivo
na performance
das equipes

**Líder, prepare-se para
essa transformação:**



sesi + saúde

REFERÊNCIA EM
SAÚDE CORPORATIVA

A cientista que virou EMPREENDEDORA

Tese de doutorado motivou Betina Zanetti Ramos a criar a Nanovetores, fabricante de insumos de alta tecnologia para cosméticos que atraiu o interesse da gigante Givaudan

POR MAURÍCIO OLIVEIRA



Divulgação

Cientista e empreendedora. A combinação destas duas atividades sintetiza a trajetória de Betina Zanetti Ramos, 48 anos, fundadora e diretora técnica da Nanovetores, que utiliza nano e microtecnologia para maximizar o desempenho, a proteção e a permeabilidade de ingredientes de cosméticos. Em 2022, após 15 anos de trajetória, a empresa sediada em Florianópolis entrou em uma nova fase de expansão ao se unir à gigante global Givaudan, de origem suíça, que passou a ter 48% de participação no negócio.

A agenda de Betina envolve várias viagens internacionais ao longo do ano, ocasiões em que se reúne com representantes de grandes corporações, tanto clientes quanto parceiros comerciais. “É incrível ter a oportunidade de conversar com profissionais de alto nível e perceber o interesse genuíno que a nossa tecnologia desperta”, descreve.

Essa rotina sequer poderia ser imaginada pela menina que viveu uma infância tranquila na cidade natal, São Miguel do Oeste – extremo oeste catarinense, bem perto da fronteira com a Argentina. A mãe, Cora, que por muitos anos atuou como professora de Biologia, tem ascendência alemã – a família foi uma das oito fundadoras da Vila Oeste, que deu origem ao município. Jovino, o pai, descende de italianos instalados no interior do Rio Grande do Sul. Mesmo tendo cursado apenas o ensino fundamental, ele trabalhou no mercado de exportação de sementes, inicialmente como empregado e depois com negócio próprio. “Meu pai nunca fez curso de espanhol ou de inglês, mas se virava. Sempre brincamos que ele fala um idioma próprio, o jovinês”, diverte-se Betina.

Encantamento | Desde pequena, Betina gostava de mexer com plantas, observando detalhes de folhas, frutos e flores. Quando chegou a época de escolher o curso para o vestibular, Farmácia se apresentou como o mais próximo daquele universo que ela tanto amava. Foi aprovada na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e se mudou para Florianópolis.

O plano inicial era voltar para São Miguel do Oeste e montar uma farmácia de manipulação – o pai já havia até adquirido um imóvel com este objetivo. Só que, certa noite, ao acompanhar uma amiga num barzinho, ela conheceu Ricardo Ramos, estudante de Administração, seu futuro marido e sócio. Além do namoro, a mudança de rumo foi causada também pelo encantamento com o universo das pesquisas científicas.



Fundação: 2008
Sede: Florianópolis
Faturamento: R\$ 30 milhões (projeção 2025)
Produção: 300 toneladas/mês
Exportações: 150 países



Betina emendou a graduação com o mestrado e com o doutorado, cumprido na Universidade de Bordeaux, na França. Nesse meio tempo, a única irmã, Berenice, quatro anos mais jovem, começou a estudar Gastronomia e também partiu para Florianópolis – hoje é professora da área no Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC). Para não ficarem distantes das filhas, Cora e Jovino também se mudaram para a capital.

Na tese de doutorado, Betina defendeu o uso de materiais sustentáveis em nanotecnologias aplicadas à indústria farmacêutica. De volta ao Brasil, o caminho natural seria seguir carreira acadêmica. Ela foi então provocada pelo marido a pensar se o tema dos estudos não poderia dar origem a um negócio – caso a resposta fosse positiva, ele estaria disposto a participar da empreitada com seus conhecimentos de administrador.

“Não se trata apenas de fazer negócios e gerar renda, e sim de criar um ambiente em que o ser humano possa se realizar. Conseguir isso representa o verdadeiro sucesso de uma empresa.”

Assim surgiu a Nanovetores, fundada em 2008 e logo instalada na incubadora Celta, da Fundação Certi. Três anos depois, já focada no setor de cosméticos e higiene pessoal, a empresa captou investimentos do Fundo Criatec, do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). Reconhecia-se, assim, o alto teor de inovação trazido pelas estruturas de encapsulação robustas, seguras e sustentáveis – um dos diferenciais era a utilização de base aquosa, natural, em etapas que normalmente envolviam solventes orgânicos.

Nova sede | Em 2022, após mais de dez anos de vínculo com o Fundo Criatec, a Nanovetores passou a contar com um importante parceiro global, o Grupo Givaudan. Hoje, a empresa nascida em Florianópolis está desenvolvendo o 17º pedido de patente. Ocupa uma área de 2.300 metros quadrados no Sapiens Parque, centro de inovação da capital catarinense, e planeja a construção de uma nova sede no mesmo complexo. Das quase 300 toneladas produzidas mensalmente, 29% são exportadas, chegando a 150 países. São mais de 200



Betina e Ricardo: formações complementares viabilizaram início da empresa

clientes ativos, de todos os portes, grande parte deles internacionais.

Nos últimos anos, especialmente depois das reflexões despertadas pela pandemia, Betina intensificou a busca pessoal por autoconhecimento. Leitora assídua de obras de filosofia, ela fez uma formação em Felicidade Interna Bruta (FIB), metodologia que tem disseminado na empresa para promover um maior nível de realização entre os 96 componentes da equipe, dos quais 55% são mulheres. “Comecei a pensar em como trazer elementos de bem-estar para a minha vida e para a empresa, pois considero que esse princípio de humanização é essencial para qualquer negócio que busca um propósito maior”, explica. “Não se trata apenas de fazer negócios e gerar renda, e sim de criar um ambiente em que o ser humano possa se realizar. Conse-

guir isso representa o verdadeiro sucesso de uma empresa.”

Betina considera estar colhendo os frutos da decisão disruptiva que teve a coragem de tomar – deixar a previsibilidade do ambiente acadêmico para se tornar uma das primeiras mulheres cientistas-empendedoras do Brasil. Entre esses frutos está o privilégio de viver na Cachoeira do Bom Jesus, bairro do norte da Ilha de Santa Catarina que é seu lugar predileto do mundo, onde mais gosta de estar, desfrutando de contato com a natureza e perto da família. Em meio a uma rotina repleta de compromissos e afazeres, ela sempre encontrou tempo para dedicar à filha Beatrice, que acaba de completar 18 anos. “Olhando para a minha jornada, o sentimento de gratidão é enorme. Tudo foi se construindo de forma muito bonita na minha vida.” **IC**



FOTOS: FREEPIK

Ampliando a presença internacional



"A experiência da Aurora Coop revela que é possível crescer de forma consistente mesmo em um ambiente desfavorável, desde que haja planejamento, investimento em eficiência e alinhamento estratégico com as demandas do comércio internacional"

Neivor Canton

Presidente da Aurora Coop e vice-presidente estratégico para o agronegócio da FIESC

A presença internacional da Aurora Coop passou por transformações significativas ao longo da última década. Em 2014, apenas 20% da receita operacional bruta da cooperativa originava-se no mercado externo. Em 2024, esse índice alcançou 36,4%, refletindo um processo consistente de internacionalização e a crescente relevância das exportações para o equilíbrio da balança financeira da empresa. Trata-se de uma mudança estruturante, não apenas de números, mas de postura estratégica diante do mercado global de alimentos.

Esse avanço, no entanto, não ocorreu sem desafios. O ano de 2024 impôs um cenário logístico adverso. O sistema portuário nacional revelou limitações crônicas, agravadas por obras, greves, omissões de escalas e perda de capacidade operacional. Esses entraves resultaram em atrasos significativos, acúmulo de cargas e aumento do custo de exportação.

No cenário internacional, as dificuldades também foram expressivas, causadas por conflitos no Oriente Médio, crise hídrica na América Central e greves nos Estados Unidos. Em meio a essas adversidades, a Aurora Coop manteve sua resiliência e capacidade de adaptação, amparada por uma estratégia de exportação flexível e uma malha logística progressivamente mais diversificada.

Apesar da instabilidade operacional, o frete marítimo iniciou um processo de retorno aos níveis anteriores à pandemia. O ambiente mais favorável permitiu à Aurora Coop ampliar os volumes exportados em contêineres, aproveitando-se de uma janela de competitividade no comércio internacional.

As iniciativas adotadas ao longo de 2024 produziram efeitos mais concretos em 2025. A previsão é de um cenário menos congestionado nos portos brasileiros, com tendência de continuidade na expansão da oferta de rotas e estabilidade dos custos, favorecendo empresas que, como a Aurora Coop, conseguiram se ajustar às novas exigências do mercado global.

A construção de uma malha logística eficiente e sustentável é imperativa para que o Brasil consolide sua posição entre os grandes exportadores mundiais. A experiência da Aurora Coop revela que é possível crescer de forma consistente mesmo em um ambiente desfavorável, desde que haja planejamento, investimento em eficiência e alinhamento estratégico com as demandas do comércio internacional. A modernização da infraestrutura portuária, com maior participação da iniciativa privada, é um caminho necessário para superar as deficiências históricas que ainda limitam o potencial exportador brasileiro. **IC**

PROGRAMA Membership

Imagine uma rede, onde líderes das cadeias da indústria catarinense se unissem para criar uma visão com objetivos comuns e foco em crescimento...



**EDIÇÃO
2025**

14
INDÚSTRIAS

3
FÓRUM CEO

4
COMITÊS
TEMÁTICOS

15
IMERSÕES

+400
HORAS

+200
PARTICIPANTES

88
NPS



Rede de alto nível
com trocas contínuas



Direcionamento prático
para ações coletivas que permitam a integração entre estratégia, operação e cultura



Lideranças desenvolvidas
com metodologia prática e ferramentas modernas



Rede de mentores
suporte e acompanhamento com especialistas durante o ano

**EDIÇÃO
2026**



**EMBARQUE
NESSA REDE**

alexandre.menegueti@fiesc.com.br - (48) 98419-6971
comercialacademia@fiesc.com.br - (47) 98897-0185





**Se é a farmácia
da indústria catarinense,
por que não farmaSesi?**



**Mais de 5.800 empresas já confiam na farmaSesi.
Seja conveniado você também.**



Atendimento em mais de
150 municípios do estado



Entregas na empresa sem
taxa e com segurança



Economia garantida com
descontos exclusivos

Ofereça aos seus colaboradores uma vida mais saudável:

farmasesi.com.br/convenio